

*Para melhor leitura deste trabalho,
ative a exibição de página em duas
páginas.*



*Intervenção
Urbana
no bairro Campinas*

Laissa Magalhães Oliveira

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Trabalho de Conclusão de Curso II
Autora: Laíssa Magalhães Oliveira
Orientadora: Maria Ester De Souza
Goiânia, 2023.

Dedico este trabalho à todas as mulheres, sobretudo, às mães, que com toda a sobrecarga de trabalho e rotina árdua, persistem em escrever.

Agradeço ao meu filho por ter sido um motivo a mais para que eu concluísse essa etapa da minha jornada.

Aos meus pais, que não mediram esforços para contribuir em meus estudos e sempre me incentivaram e acreditaram que eu seria capaz de superar os obstáculos que a vida me apresentou.

Sou grata também aos meus amigos, que em meio as diversas dificuldades, foram tão prestativos e amáveis para comigo.

Não poderia deixar de agradecer à minha orientadora, que com tamanha paciência e empatia, aceitou me conduzir até o fim do trabalho.

Obrigada.

Sumário

1

Introdução [11]

2

Temática [13]
• *Planejamento Urbano*

5

Metodologia: Leitura do lugar [29]

- 5.1 • *Histórico do lugar*
- 5.2 • *Aspectos socioculturais*
 - 5.2.1 *Patrimônio*
- 5.3 • *Aspectos físicos*
 - 5.3.1 *Infraestrutura urbana*
 - 5.3.2 *Mobilidade urbana*
 - 5.3.3 *Meio Ambiente*
- 5.4 • *Diagnóstico*

6

Diretrizes Projetuais [59]
• *Urbanismo Tático*

3

Tema [17]

- *Intervenção Urbana*

4

Estudo de Caso [23]

- *Centro Histórico de São José*
- *Itaberai*
- *Cantinho do Céu*

7

Proposta [61]

- *Pontos de Interesse*
- *Anteprojeto*

8

Referências



Fig. 01
Goiânia em 1950
Fonte: IBGE

*“Nunca subestime o poder de uma cidade para
regenerar.”*

Jane Jacobs

1.

Introdução

Campinas é um bairro de Goiânia que teve sua memória marcada por acontecimentos que remetem ao início da história no estado de Goiás, antecedendo a cidade no qual está situado.

O atual bairro inicia seu processo no século XIX, em 1810, como um povoado, para posteriormente se tornar a nova capital de Goiás.

A região que compreendia as fazendas denominadas “Criméia”, “Vaca Brava” e “Botafogo” sofreu um processo de ocupação urbana acelerada e sem planejamento, de tal modo que apresenta degradação da paisagem, problemas estruturais relacionados a ausência de políticas e manutenção de infraestrutura, gerando grande impacto em sua área e entorno.

A ocupação de Campinas resultou em um quadro preocupante em relação às questões ambientais e de saúde pública, pois remete ao fluxo migratório intenso; solo ocupado majoritariamente para uso comercial; vias que situam a maioria dos pontos de alagamento da cidade; com áreas verdes degradadas, sendo considerada a região menos arborizada de Goiânia e uma das principais ilhas de calor da capital e do Estado; dentre diversos outros desafios relacionados ao seu apagamento sociocultural. Diante desse cenário, este trabalho considera Campinas uma região que necessita de intervenção.

Visando o desenvolvimento de um território tão importante para a história do povo goiano, este trabalho tem o objetivo de, através da leitura do lugar, propor uma intervenção que melhore a paisagem, a fim de motivar o desenvolvimento, as funções sociais de cidade e a propriedade urbana, possibilitando os direitos às melhores condições e qualidade de vida da população, garantindo a permanência de pessoas.



Fig. 02
Praça Joaquim Lúcio, no bairro Campinas, Goiânia, em 1940
Fonte: IBGE

2.

Planejamento Urbano

O planejamento urbano é uma ciência que visa organizar o processo de criação de propostas para melhorar a qualidade de vida da população em uma área urbana existente ou a ser planejada.

Nos primeiros indícios de civilização, na Grécia antiga, foram desenvolvidas teorias e ideias sobre o uso ideal da terra e a localização de vias e construções, assim como nas civilizações pré-colombianas que construíram suas cidades considerando um planejamento urbano com sistemas de esgoto e de água corrente.

A ideia de cidade, do grego "polis", surge em uma sociedade rural, com pouca densidade, com habitações separadas umas das outras, com a criação de associações políticas que até então são independentes de alguma ideia urbana. Com o crescimento dos membros da polis, e sem a organização urbana, surge problemas no planejamento da cidade, que apenas ao final do século VII, é dado o primeiro passo a grandes realizações urbanas (HAROUEL, 1990).

Na antiga Grécia, fundar uma cidade era antes de tudo um ato político e religioso. Antes de qualquer ato, era consultado um oráculo seguido por cultos e sacrifícios, para haver uma ligação entre os deuses e a en-

-tão chamada polis. Hipócrates é o primeiro a encarar a cidade de maneira concreta, estudando os efeitos urbanos como: sítio, localização, natureza do solo, regime de ventos, etc. Mas a verdadeira reflexão urbanística foi instaurada por Platão e Aristóteles, em meados do século IV. Através de estudos e leis, Platão sugere a cidade ideal para haver vantagens econômicas e também quanto ao clima psicológico e moral (HAROUEL, 1990).

A revolução industrial é seguida por um alto crescimento da malha urbana consequência da migração da população do povo para as cidades. A Grã-Bretanha é o primeiro palco desse movimento desde 1801, na Europa, a França e a Alemanha seguem-se a partir dos anos 1830 (CHOAY, 2003).

Durante esse processo no espaço geográfico ao longo da história, a industrialização teve forte influência sob as transformações no processo de urbanização.

O urbanismo deixa a dependência religiosa ou interesse político, que agora busca uma ciência dos estabelecimentos humanos, nasce em decorrência da Revolução Industrial. (HAROUEL, 1990). Essa que começa na Inglaterra a partir do século XVIII quando grandes contingentes populacionais migravam do campo para a cidade em busca de trabalho, e então se criaram grandes aglomerados populacionais nos quais as pessoas que pertenciam à classe operária viviam em péssimas condições de vida, principalmente de higiene, muitas delas sem ter aonde morar, ou habitando em locais insalubres e desconfortáveis. Houve então a partir daí uma grande discussão em diversas áreas do conhecimento na busca por soluções para estes chamados “problemas urbanos”. Naquela época, da Revolução Industrial, dos movimentos sociais e dos racionalismos que emergiam, ainda não se tinha um conceito de urbanismo aprimorado, e nem o mesmo era considerado como uma área do conhecimento ou ciência de organização dos espaços urbanos, o que só acontece alguns anos depois, no início do séc. XX (CHOAY, 1965).

Implementado como instrumento político, o planejamento urbano se consolidou como consequência de problemas sociais e urbano – industrial. A intensa urbanização careceu de políticas públicas de controle do uso do solo urbano, programas habitacionais e demais infra-estruturas urbanísticas.

“As origens oitocentistas do planejamento urbano no século XX originam-se nas preocupações de alguns pensadores e planejadores pioneiros com os milhões de pobres encurralados nos cortiços vitorianos, após uma série de inquietações sobre as condições de vida nas cidades.” (HALL, 2016).

O ordenamento das cidades iniciou-se a partir de reformas urbanas, que redesenharam as cidades, ampliando os espaços públicos e introduzindo crescente segregação espacial.

A reconstrução das ruas parisienses por Haussmann nos anos de 1850 sob as ordens de Napoleão III, por exemplo, foi uma maneira de conter os movimentos de massa, procurando reprimir desordens, visando o remanejamento da cidade como estratégia de classe, expulsando os trabalhadores para os subúrbios e destituindo-os da vida urbana (LEFEBVRE, 2001). Além do problema dos movimentos revolucionários, havia também a questão da absorção do excedente do capital, que se evidenciou na crise de 1848. Os investimentos infraestruturais foram criados para esse fim e a reconstrução de Paris absorveu imensas quantidades de mão de obra e capital, que “junto com a supressão autoritária das aspirações de força de trabalho parisiense, foi um instrumento fundamental para a estabilização social” (HARVEY, 2014, p. 34). No Brasil, assim como na França, o planejamento urbano surgiu como uma necessidade emanada das políticas de saúde coletiva que justificavam a destruição das construções decadentes e urbanisticamente desordenadas, e favoreciam a disseminação de doenças infectocontagiosas. Esses novos espaços, levaram ao encarecimento da terra urbana e ao enobrecimento do território, resultando na expulsão dos residentes que não pudessem arcar com os custos fundiários.



Fig. 04. Salvador-BA, em 1549. A primeira cidade planejada do Brasil. Projetada para ser a capital do País, porém a administração do Estado se transferiu para o Rio de Janeiro. Atualmente, a cidade enfrenta uma série de problemas sociais devido a grande expansão urbana nas últimas décadas. Fonte: Museu Vivo na Cidade.



*Fig. 05
Salvador-BA, em outubro de 2022. Vista do Elevador Lacerda
Fonte: Acervo Pessoal*

3.

Intervenção Urbana

Intervenção urbana é um processo direcionado a transformação ou restauração de uma determinada área, e seu entorno, que se encontra degradada ou deteriorada.

O processo de deterioração e degradação urbana se intensificou após os anos de 1950, causado pelo crescimento e expansão do espaço urbano e frequentemente associado a perda da sua função, ao dano ou a ruína das estruturas físicas, ou ao rebaixamento do nível de valor de transações econômicas de um determinado lugar.

Ao iniciar o processo de intervenção urbana, existem estratégias necessárias para tal desenvolvimento, sendo inicialmente proposto evidenciar os ideais urbanos, levantando diagnósticos, avaliando a herança histórica e patrimonial do espaço, indicando seu caráter funcional na estrutura urbana e conseqüentemente a necessidade da intervenção.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1950), evidenciou-se os questionamentos sobre a vida urbana e suas atividades, de modo que foi dividido em três momentos principais, sendo eles: Renovação Urbana (1950-1970), Preservação Urbana (1970-1980), Reinvenção Urbana (1990 até os dias atuais).

O primeiro período se designou como a Renovação Urbana, que ocorreu entre os anos de 1950 a 1970, fundamentado na preferência pelo novo.

Na Europa, a ideologia do urbanismo do Movimento Moderno une-se a prática de recons -

trução do período pós-Guerra. Na América do Norte, a renovação aparece no contrafluxo do processo de suburbanização.

A proposta do urbanismo moderno – exposta na Carta de Atenas de 1933 – deu indícios das ações que se sucederam (Vargas, 2006). Esse seguimento se deu pela ideia de “Demolir e construir para renovar”. Um processo que não visava preservar edifícios, mas implantar mudanças, mesmo que elas causassem a desconstrução de padrões e significasse mexer com os centros urbanos e áreas próximas.

Como tais ações partiram dos interesses da elite, o processo de renovação induziu a outro impacto urbano em relação a sócio demografia - um projeto de “desfavelização” das áreas centrais.

A demolição de habitação subnormal e implementação do Programa Federal de Renovação Urbana, onde foram construídas mais de oitocentas mil unidades de habitações populares pelo país, estabelecido pelo Housing Act, de 1949.

A transferência de populações de suas residências, gerou a expulsão dos moradores de renda baixa para a substituição de alta renda. Essa transferência contribuiu para que a relação da segregação social e o racismo vigente na época se tornasse mais estreita.

A expulsão dos residentes, substituídos por extratos sociais de mais alta renda, iniciou um processo de “gentrificação” (enobrecimento) nas áreas degradadas. Até 1967, o apartamento (apartheid) social foi justificado por um viés racista contra as minorias étnicas e os pobres. Esses programas de renovação e de reestruturação viária desalojaram mais de 700 mil famílias e eliminaram empregos e pequenos negócios (Friedden e Sagalyn, 1991).

Outro impacto significativo foi o fato de que, ainda em 1971, mais da metade dos projetos iniciados entre 1960 e 1964 não haviam encontrado investidores, e as áreas demolidas permaneciam vazias.

O segundo momento, denominado como Preservação Urbana, ocorreu no período de 1970 a 1990, carregando consigo a negação ao movimento moderno.

Seguindo um viés socialista, criou-se a narrativa baseada em uma visão de igualdade, reforçando a preservação das vizinhanças e a restauração histórica de edifícios considerados significativos. Nesse período, a população preferia morar no subúrbio ou em cidades pequenas, ao invés de morar no centro.



Fig. 06

Rio de Janeiro, entre 1950 a 1960. Desmonte do Morro de Santo Antônio. Fase da Renovação urbana

Fonte: BrasilianaFotografica

A proposta era trazer de volta a sensação de pertencimento, pois atrairia as pessoas para o centro urbano. Desse modo, foram realizadas três ações: Intervenção física por meio de projetos arquitetônicos (empreendimentos), políticas urbanas e gestão compartilhada. Iniciou-se naquele período a chamada restauração historicizante de velhos centros urbanos, cidades, museus e paisagens inteiras, empreendimentos patrimoniais e heranças nacionais, a onda da nova arquitetura de museus (Huysse, 2000: 14).

A preservação de edifícios históricos esteve presente no discurso de intelectuais, da elite cultural e da população local, interessada em resguardar suas conquistas e os elementos afetivos que delas faziam parte. Somado ao grande número de legislações visando salvaguardar os centros ditos “históricos”, sucedeu em intervenções isoladas, sem a devida consideração do entorno urbano.

O ideal do movimento esteve centrado na valorização da memória, com identidade e orgulho cívico. Porém, na prática, os administradores das cidades passaram a agir como empreendedores e não somente como gestores urbanos. Sendo uma fase em que políticos encontraram uma alternativa para camuflar suas responsabilidades econômicas e sociais por meio de atividades “lúdico-culturais”.



Fig. 08.

Veliki Novgorod, Rússia, em 1987. Nasceu da aspiração de aproximar as artes dramáticas do grande público, deixando um legado de sucesso que já dura mais de trinta anos. Implantado às margens do rio Volkov, um dos pontos fortes deste projeto é a sua relação com o contexto imediato e respeito pelo patrimônio construído.

Fonte: ArchDaily

A fase da Reinvenção Urbana surgiu do reflexo de um novo modo de produção que deu início na década de 1980. A utilização da microeletrônica deu base aos três pilares desse momento – custo, tempo e qualidade. A homogeneidade da sociedade industrial fora substituída por uma imensa diversidade de estilo de vida.

A maior capacidade de comunicação permitiu que o território se transformasse em mercadoria para ser consumida por cidadãos de renda elevada, investidores e turistas, deixando de ser prioritariamente o locus da produção para ser o locus do consumo (Glaeser et al., 2000).

Os objetivos desse período foi gerar emprego e renda com base na recuperação econômica das cidades, usar projetos arquitetônicos como meio de promover política, expandir comércio imobiliário, e desenvolver o turismo. Dessa forma, unem-se os setores público e privado, principalmente empreendedores imobiliários, a fim de reconstruir ou reinventar o ambiente construído. As estratégias usadas foram o city marketing, planejamento de mercado, intervenções que avançaram o centro e foram para as áreas portuárias a fim de atrair o turismo.

Como estratégia da gestão urbana, foi usada o TCM-Town Center Management, junto com o MSP-Programa da rua central e o BID-Área de desenvolvimento econômico. Sendo um momento de poucas inovações, o que transfigurou foi a dimensão dos projetos, o foco da intervenção, a forma de gestão e a propagação desses feitos. A busca pelo novo e a cidade pensada como empreendimento a ser gerenciado.



Fig. 09

A ZAC Bercy - Instalada em 1988, as obras foram concluídas em finais de 2005. O objetivo principal era a reintegração de uma antiga área industrial. A área era utilizada como entreposto de vinho e se encontrava em função da sua ociosidade a partir dos anos 60 em situação “asilada” no contexto urbano.

Fonte: Open Edition Journals



Fig. 10

Praça Floriano Peixoto, o local mais emblemático do Rio de Janeiro no início dos anos 1920. A praça foi palco da disputa entre as influências francesa e americana capitaneada por governos e empresários estrangeiros na busca por uma hegemonia arquitetônica e cultural que modelasse a cidade segundo os seus interesses.

Fonte: A Batalha das Entidas, publicado pela Amazon, 2019.

4.

Estudo de Caso

1. Requalificação Urbana do Centro Histórico de São José - SC

Arquitetos: Arquitetura Pela Rua

Ano : 2014

São José -SC

O projeto contempla a reurbanização do principal eixo viário de São José.

A proposta se baseia em um plano macro de intervenções a longo prazo, recentralizando o Centro em busca da valorização do patrimônio histórico e cultural.

O tratamento das vias privilegia a circulação do pedestre, o alargamento do passeio possibilita a distribuição de mobiliário urbano, arborização e iluminação, configurando um ambiente humanizado com espaços de convivência que propiciam a permanência no espaço público.



Fig 11

Fonte: Archdaily



Situação atual



Situação proposta

O tratamento das vias está relacionado com as diretrizes de privilegiar a circulação do pedestre, de forma a manter a vocação original da rua como elemento estruturador da cidade, que possibilita o fluxo tanto de pessoas como de veículos contemplando diferentes formas de mobilidade. O alargamento do passeio possibilita a distribuição de mobiliário urbano, arborização e iluminação, configurando um ambiente humanizado com espaços de convivência que propiciam a permanência de pessoas no espaço público.



Fig 11 a 14.

Fonte: Archdaily

Estudo de Caso

2. Projeto Urbano de Itaberaí

Arquitetos: GrupoQuatro

Ano : 2006

Itaberaí - GO

O projeto urbano de Itaberaí se baseia no ideal de tornar uma cidade sustentável. Por meio de intervenções abrangentes e pontuais, foi proposto o macrozoneamento urbano proposto um macrozoneamento urbano, que estabelece as premissas básicas do seu futuro ordenamento territorial.

Com conceitos de caráter viário, de qualificação do espaço público e de melhoria das qualidades dos edifícios municipais, a intenção é beneficiar as pessoas em detrimento ao automóvel. Foram propostas ampliações nas larguras dos passeios públicos, iluminação adequada, acessibilidade e maior arborização. Melhorar a qualidade e quantidade do verde intraurbano, controlar a poluição visual, reformular a hierarquia viária e implantar uma ciclovia foram outras propostas do Masterplan.



*implantação de nova
fonte luminosa*

*Fechamento dos
retornos*

*Retirada dos
edifícios da
prefeitura*

*Igreja de
São
Sebastião*



Situação atual



Situação proposta com espaço compartilhado

A implantação do espaço compartilhado busca evitar a segregação entre os veículos, pedestres e ciclistas, diversificando os usos e interligando o espaço privado ao público.



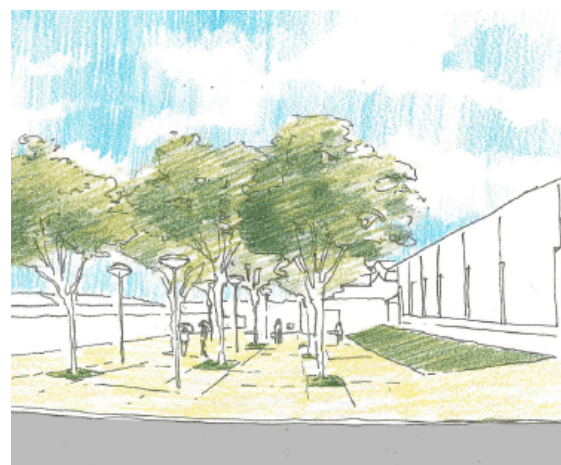
Situação atual



Situação proposta para vias principais



Situação atual



Situação proposta para via da escola e ginásio

Fig 15 a 21.

Fonte: GrupoQuatro

Estudo de Caso

3. Urbanização do Complexo Cantinho do Céu

Arquitetos: Boldarini Arquitetura e Urbanismo

Ano : 2008

São Paulo, Brasil

Situado na cidade de São Paulo, o Cantinho do Céu é um conjunto de assentamentos irregulares e precários, que sofreu ameaças pela Promotoria Pública à desocupação da área.

A proposta buscou intervir com o objetivo de integrar a área ao seu entorno, suprindo o conjunto de déficits de infraestrutura, conjugando as questões fundiárias e de pós-ocupação, bem como a forma de organização de sua população, dispondo de condições de acesso, mobilidade e local de encontro para pessoas.

O sistema viário, elemento principal desta intervenção, foi utilizado para conectar três loteamentos entre si e com a malha viária do entorno.



Fig 22

Fonte: ArchDaily



Situação atual



Situação proposta

O planejamento inicial considerou as diferentes características do relevo, hidrografia, remanescentes de vegetação, acessos existentes. A análise destas condicionantes conduziu à definição de seis trechos de intervenção, classificados em dois grupos, um voltado à conservação e preservação, outro ao lazer e recreação.



Fig 22 a 28.

Fonte: ArchDaily

propostas

5.

Metodologia

A metodologia está estruturada em três partes, que são: levantamento histórico, sociocultural e físico do bairro Campinas. Foram feitas pesquisas em trabalhos publicados, revisão literária sobre o bairro, consultas sobre dados, visitas ao IPHAN, visitas ao local (aproveitando para conversar com a população) e questionário para entender as necessidades dos moradores. Também foram produzidos mapeamentos sobre o uso do solo e suas características para se chegar a uma leitura do lugar adequada para uma proposta de intervenção urbana.

A partir deste levantamento foi desenvolvida uma tabela para elaborar um diagnóstico, onde foram pontuados problemas e potencialidades do bairro, com o objetivo de apresentar propostas que representam a intervenção urbana.

Os mapas, gráficos e textos produzidos pretendem revelar os seguintes aspectos:

5.1. Histórico do lugar

5.2. Aspectos socioculturais

5.2.1 Patrimônio

5.3. Aspectos físicos

5.3.1 Infraestrutura urbana

5.3.2. Mobilidade urbana

5.3.3. Meio Ambiente

5.4. Diagnóstico

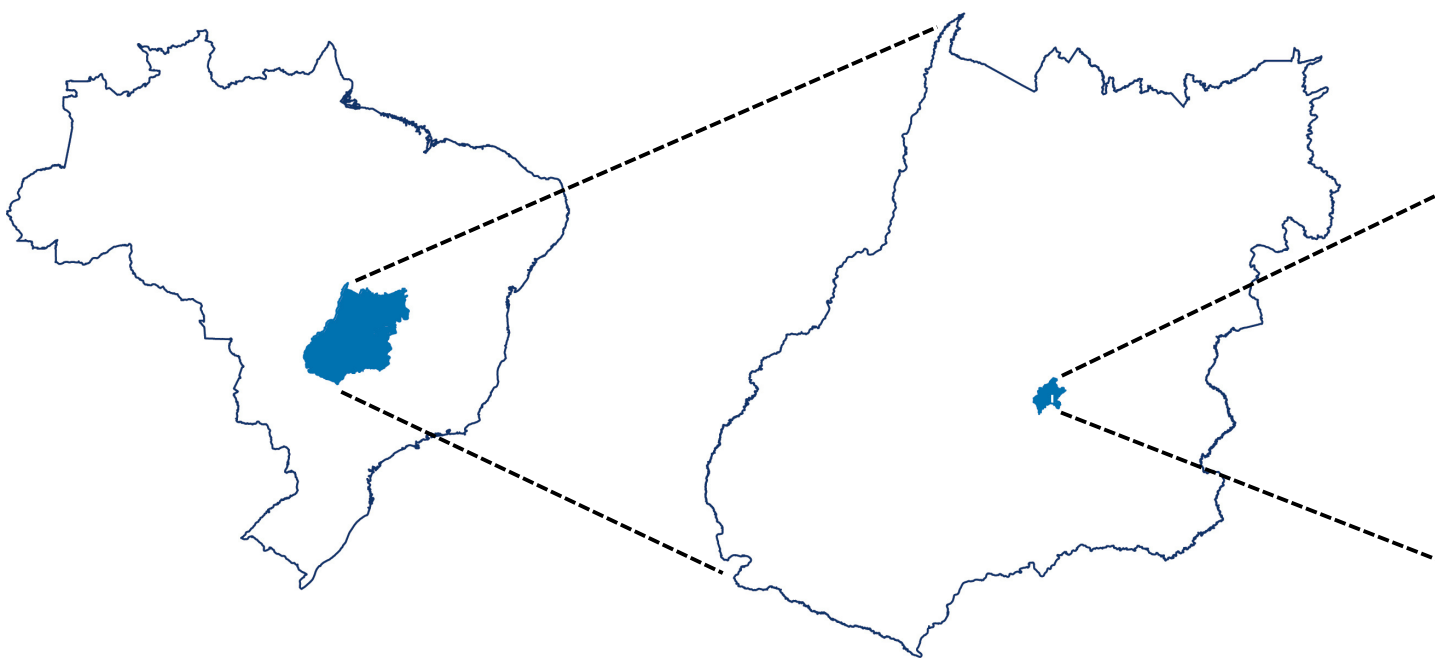


Fig. 29
Praça Joaquim Lúcio, em 1967
Fonte: Hélio de Oliveira

5.1

Histórico do Lugar

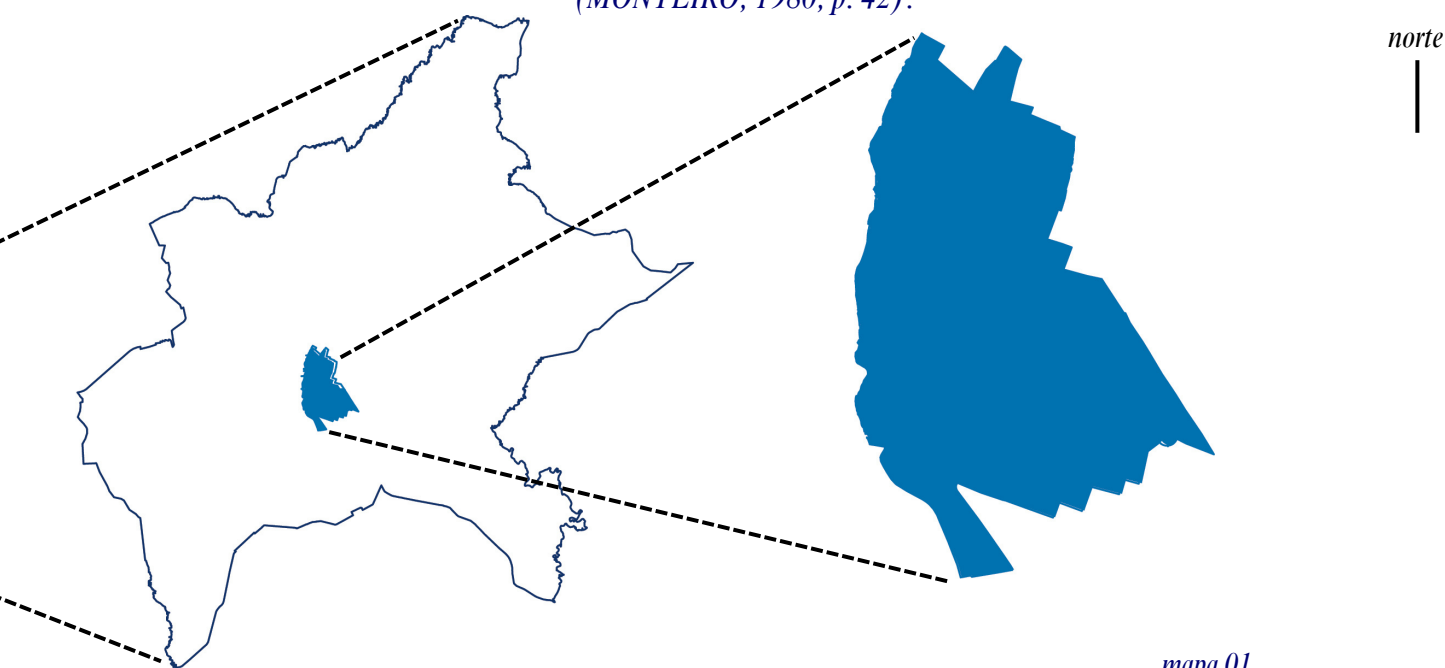
O bairro Campinas está localizado na cidade de Goiânia, município brasileiro e capital do estado de Goiás. Sua localização parte de um plano de capital política e administrativa de Goiás sob influência da Marcha para o Oeste, um projeto desenvolvido por Getúlio Vargas durante a ditadura do Estado Novo com o objetivo de promover o desenvolvimento populacional, a integração econômica e incentivar a ocupação das regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil. Com a ideia de tornar o Estado a uma maior inserção no mercado nacional, Pedro Ludovico Teixeira assumiu o Governo do Estado, propondo a mudança de capital do estado, que era na cidade de Goiás, para a região de Campinas.



Rotulando Goiás de centro “oligárquico, decadente e atrasado”, Ludovico afirmava que Goiânia seria seu inverso. Decadência e atraso eram os argumentos recuperados no momento para reforçar a necessidade do novo.

A primeira fase de urbanização da região foi caracterizada como uma área para pouso e abrigo, processo que foi determinante para a escolha da nova capital por ser centralizada no mapa do Brasil e atender os requisitos básicos, como abundância de água, bom clima, topografia adequada e proximidades com a estrada de ferro.

Situada numa extensa e vasta planura, na altitude de 700 (setecentos) metros sobre o nível do mar, circundada pelos rios “Meia Ponte” e “Anicuns” e o ribeirão “Cascavel”, Campinas oferece todos os requisitos topográficos indispensáveis para a construção de uma linda cidade moderna e salubérrima. Depois de termos examinado atentamente a topografia local, dentro de um raio de 12 (doze) quilômetros, notamos que a posição mais apropriada para a construção da nova Capital se acha em rumo 130 (cento e trinta) graus de Campinas e a mais ou menos sete quilômetros de distância, num bellissimo planalto [...] Considerando que Campinas se acha situada no ponto cêntrico da parte mais povoada do Estado e a sua topografia das mais apropriadas e belas para construção de uma cidade urbanamente moderna, entre um vasto perímetro de terras de ótimas culturas todas cobertas com matas de superior qualidade e que enormemente facilitarão a construção da nova cidade; a Subcomissão é de parecer que a nova Capital seja construída em Campinas ou Bonfim. (MONTEIRO, 1980, p. 42).



mapa 01
Localização do bairro em seu contexto nacional, estadual e municipal.

Linha do Tempo

*Arraial de Campinas, Campininha das Flores de
Flores.*



● 1810 ● 1813



● 1824



● 1891



● 1930



● 1933

● 1935 ● 1937



● 1955

Nossa Senhora da Conceição ou Campininha das



● ● ●
900 1907 1911

●
1920

●
1921

●
1922



●
1939

●
1949

●
1950



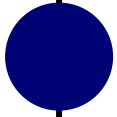
●
1960

●
1986

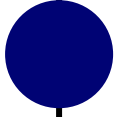
●
1900

●
2000

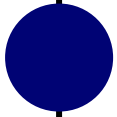
Fig. 30
Linha do Tempo do contexto histórico do bairro



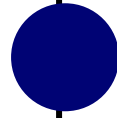
1810 *O alferes meiapontense Joaquim Gomes da Silva Geraes, à procura de minas de ouro no Rio Anicuns, resolveu se fixar na região e formar uma fazenda.*



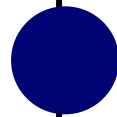
1813 *É doada uma porção de terras para uma igreja dedicada à Nossa Senhora da Conceição. A partir da formação do patrimônio religioso, algumas famílias de São Paulo e Minas Gerais se mudaram para o local, nomeando de Campininha das Flores.*



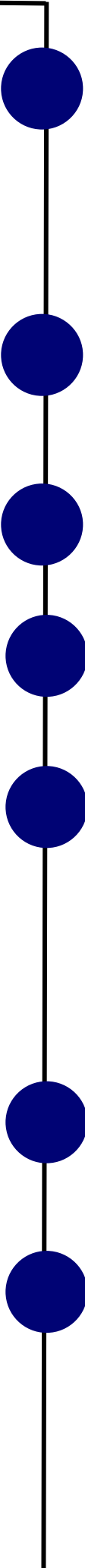
1824 *Passa pela primeira fase de urbanização da Campininha, caracterizada apenas como pouso e abrigo. A produção agropecuária era somente para o abastecimento do povoado.*

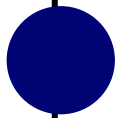


1891 *Passa pela segunda fase de urbanização, os caminhos para acessar a capital de Goiás se alteraram, mas Campinas continuou como rota para quem vinha do sul de Goiás, em decorrência da proximidade com a linha férrea. Nesse sentido, Campinas atraiu pessoas de várias regiões do Brasil. Pequenos comerciantes, agricultores e criadores de gado vieram habitar a região.*

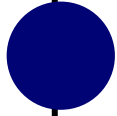


1894 *Impulsiona o crescimento com a chegada dos Padres Redendoristas Congregação do Santíssimo Redentor da Baviera, sul da Alemanha. Estabeleceram-se no povoado para cuidar da romaria do Divino Espírito Santo que acontecia em Barro Preto (atual Trindade-GO)*

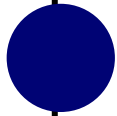
- 
- 1900 *É construído o primeiro convento e uma segunda capela em 1900 (CAMPOS, 1985). Desse momento em diante, a casa dos padres passou a ser o ponto de parada de todos aqueles que transitavam para a capital ou até mesmo ao sul de Goiás.*
- 1907 *Houve desenvolvimento comercial e populacional do povoado, contribuindo para sua elevação à categoria de vila.*
- 1914 *Campinas é elevada a categoria de cidade.*
- 1921 *Chegam à pequena cidade as Irmãs Franciscanas, igualmente provindas da Alemanha.*
- 1922 *É fundado o Colégio Santa Clara. A vinda das freiras indica a relevância que o lugar estava adquirindo na região. (até 1967 o colégio manteve aberto um internato, tendo recebido moças de todo o Estado. No colégio havia uma formação de alto nível: se aprendiam francês, desenho, artes manuais, tricô, entre outras atividades.*
- 1932 *O interventor Pedro Ludovico Teixeira decretou a mudança de capital, nomeando uma comissão para a escolha do lugar.*
- 1933 *O interventor Pedro Ludovico publicou o Decreto definindo que a região às margens do Córrego Botafogo, que compreendia as fazendas Criméia, Vaca Brava e Botafogo, do município de Campinas, fosse o local escolhido para a construção da nova Capital.*



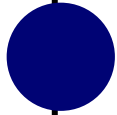
1935 Nesse momento, a cidade de Campinas passou à categoria de Distrito de Goiânia (CAMPOS, 1985). Assim, Campinas torna-se o apoio à construção da nova capital:



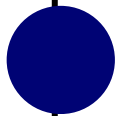
1937 Inicia a implantação de Goiânia.



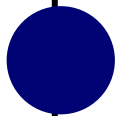
1950 É considerado uma importante centralidade. Campinas era visto como um bairro autônomo e independente de Goiânia, em razão da intensa atividade comercial.



1960 Passa a ser atrativo de pessoas, principalmente por sua infraestrutura urbana mais sedimentada. Desse modo, muitos bairros foram surgindo nos seus arredores, sendo ocupados por uma população que não tinha condições de pagar o valor dos aluguéis em Campinas.



1986 A falta de planejamento urbano de Campinas é considerado o causador dos muitos problemas urbanos.



1990 A paisagem já está alterada e se observam árvores ao longo da avenida, o comércio está consolidado, quase não se veem mais edificações para o uso residencial ao longo da via, a questão da mobilidade urbana passa a ser um problema no bairro como um todo e as fachadas das lojas disputam entre si, por meio dos tamanhos e das cores.



Fig. 31
Palace Hotel em 1960.
Fonte: CurtaMais



Fig. 32
Transporte Coletivo que fazia o trajeto da Praça Joaquim Lúcio até a Praça do Bandeirante. Data desconhecida.
Fonte: CurtaMais

5.2

Aspectos Socioculturais

Durante o processo de ocupação e exploração da região de Campinas, povos de várias etnias foram atraídos em busca de melhores condições de vida. Em 1935, durante a segunda fase da urbanização de Campinas, o território ficou conhecido como “A Terra Prometida” e representava oportunidade de crescimento econômico, desenvolvimento e acolhimento.

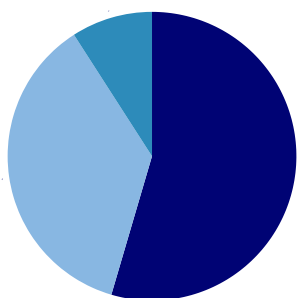
A região de Campinas atraiu populações indígenas, portuguesas, alemãs, africanas, italianas, japonesas, árabes (sírio - libaneses e palestinos), além de alguns espanhóis, poloneses, gregos, russos, belgas e húngaros, migrantes originários de outras regiões do Brasil e povos vindos de países vizinhos.

Dentro desse contexto, a mistura de cultura, costumes e tradições carrega elementos pelos povos que foram atraídos para essa terra desde a sua colonização.

A migração em Goiás iniciou-se ainda na época do Colonialismo, a partir do século XVI, e intensificou-se no século XVIII com a exploração de metais preciosos, especialmente o ouro. No entanto esse movimento sempre foi irregular e com povoamento escasso até o início do século XX. Com a escassez do ouro, Goiás parou de atrair novos mineradores, o que estagnou os movimentos migratórios no estado. Esta situação se manteve até a década de 1930 e teve seu panorama alterado devido ao governo de Getúlio Vargas, que instituiu a campanha “Marcha para o Oeste”.

Com a campanha, a estrada de ferro, ocasionou um surto migratório, promovendo um grande crescimento populacional nas regiões centro e sul do estado. Já na nova capital, o surto migratório foi ainda mais intenso, tendo em vista que a cidade fora planejada para 15 mil pessoas e num horizonte de 100 anos que a população chegasse a 50 mil habitantes, no entanto, em seu batismo cultural, em 1942, essa estimativa já havia sido extrapolada, e Goiânia contava com 51 mil habitantes (IMB, 2007).

Na região de Campinas, os moradores do povoado eram basicamente agricultores e criadores de gado. Em 1824 estima-se que a população do povoado, até aquele momento, era de aproximadamente 45 pessoas. Dentre eles, havia pessoas vindas de municípios próximos e algumas famílias de São Paulo, Minas Gerais e até mesmo seis estrangeiros, de descendência africana, portuguesa e italiana (MOREIRA, 2014).

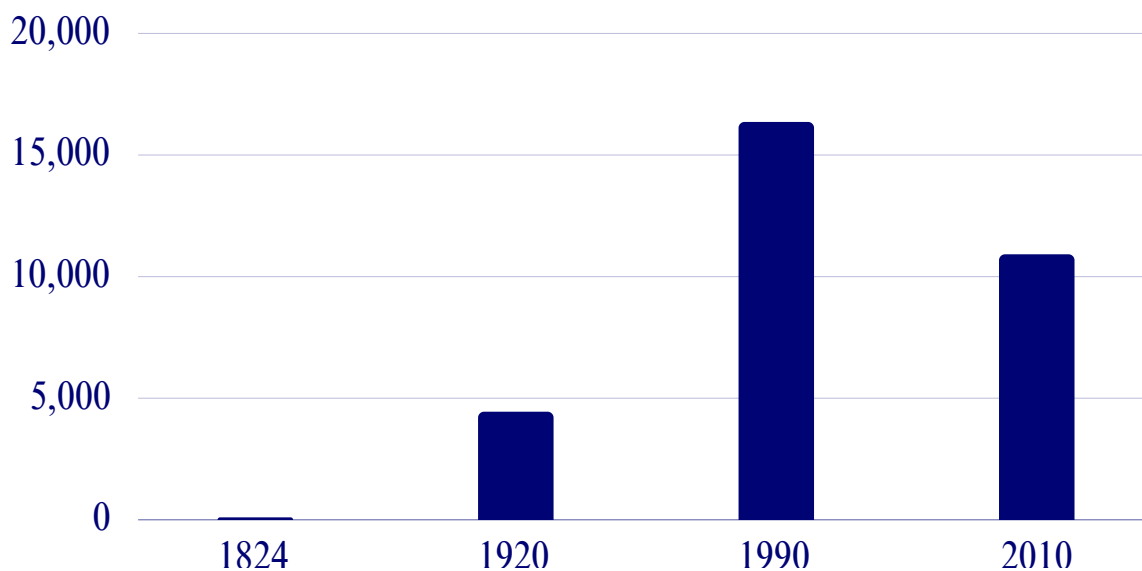


Antes da vinda dos Padres Redentoristas, do período entre os anos de 1836 e 1900, dos habitantes de Campinas eram: naturais de Goiás, 61%; de Minas Gerais, 37,5%; e de outras províncias ou estrangeiros, 1,5%.

- naturais de Goiás
- de Minas Gerais
- de outras províncias ou estrangeiros

Gráfico 02

Fonte: IBGE



Crescimento populacional da região de Campinas

Gráfico 01

Fonte: IBGE

Entretanto, o que impulsiona o seu crescimento é a chegada em Campinas, em 1894, dos Padres Redentoristas da Congregação do Santíssimo Redentor da Baviera, sul da Alemanha. Estabeleceram-se no povoado para cuidar da romaria do Divino Espírito Santo que acontecia em Barro Preto.

Os padres alemães continuaram a ser enviados ao Brasil até o final da década de 1930, mas a única colônia oficial germânica nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil foi estabelecida no distrito de Goiás em 1924: A Colônia de Uvá, um assentamento rural que decorreu na doação por parte do governo goiano a 120 famílias que vieram do sudeste da Alemanha.

Os padres introduziram novos costumes e alteraram a vida do lugar e de toda a região. A contribuição dos religiosos marcaria para sempre a vida dos campineiros.

A chegada dos padres simbolizou de fato o início do desenvolvimento da área, pois inicialmente a casa dos padres era parada obrigatória a todos aqueles que demandavam à capital ou ao sul do Estado; 2) Construíram a nova Matriz, uma das mais majestosas do Estado em 1900 e o 2º cemitério; 3) Instalaram a primeira usina elétrica em “Campininhas” em 1921; 4) Editaram o primeiro jornal, também em 1921; 5) Promoveram a fundação do Colégio Santa Clara pelas Irmãs Franciscanas alemãs (1922); 6) Introduziram a primeira motocicleta em Campinas (1922) e possivelmente em Goiás; 7) Instalaram o primeiro telefone do Estado entre Campinas e Trindade (1924) a 100 réis a telefonada; 8) Introduziram a segunda bicicleta em “Campininhas”; 9) Instalaram o primeiro relógio de torre de Igreja.

Os Redentoristas também evitaram a eclosão de muitos conflitos e graves crimes com sua ação junto aos romeiros. Sua atuação foi admirável e alcançou diversos municípios do estado, apesar do ambiente inóspito, além da cultura e da língua diferentes a que foram submetidos (CAMPOS, 1985).

Outro marco importante foi a construção do Convento. A inauguração do convento ocorreu em 1901 e perdurou até 1960, quando foi demolido após a construção de um novo convento e depois de ter servido como seminário. Por sua vez, a Capela perdurou ao longo das décadas e existe até hoje, no Setor dos Aeroviários, uma extensão do bairro de Campinas. As Franciscanas começaram a lecionar para quatorze alunas de “Campininha das Flores” em 1922.

Com o aumento das alunas, em 1926, o Curso Normal do Colégio Santa Clara foi criado para a formação de professoras, tornando-se um irradiador de cultura. Assim, a cultura campineira foi difundida para todo o Brasil, por meio das mulheres que vieram estudar no colégio e que voltavam às suas origens, praticando o que aprenderam ali (COLÉGIO SANTA CLARA, 2018). Com o passar dos anos, o Colégio não adquiriu importância somente em seu bairro, mas em toda Goiânia. A partir dos anos de 1970, começou a oferecer cursos também para o público masculino.



Fig. 33

Alunas do Colégio Santa Clara, durante a missa do lançamento da Pedra Fundamental, em 1933.

Fonte: A Redação

Campinas atualmente é considerada um centro de evangelização e a Matriz de Campinas atrai moradores de toda a cidade para participar de novenas e missas. Algumas festas tradicionais também são celebradas pela comunidade local. Algumas delas incluem:

1. A Folia de Reis: Um marco da cultura popular. A data celebra a visita dos três Reis Magos, Gaspar, Melchior e Baltazar, ao menino Jesus em Belém. Tradicionalmente o rito acontece entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro.

2. *Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: A festa em honra a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é uma das principais celebrações religiosas do bairro Campinas. Ela ocorre anualmente no mês de junho e conta com missas, procissões, novenas e atividades festivas.*

3. *Festa de São João: Assim como em muitas regiões do Brasil, a festa de São João é celebrada no bairro Campinas e ocorre no mês de junho, com a dança típica quadrilha; comidas típicas sendo a canjica e pamonha.*

4. *Carnaval: O Carnaval também é celebrado no bairro Campinas, com desfiles de blocos de rua, festas temáticas e shows musicais. Os moradores se reúnem anualmente. Atualmente Campinas está entre os bairros conhecidos por terem uma população predominantemente evangélica, pois é conhecido por abrigar várias igrejas evangélicas. Essa mudança é motivada por diversos fatores, como migração de pessoas de diferentes denominações religiosas.*



Fig. 34

A festa Folia de Reis, considerada uma expressão do Brasil agrário, sendo uma das tradições herdadas dos colonizadores portugueses com influências das religiões exercidas pelos escravos.

A festa comemora o nascimento de Cristo. O enredo lembra a viagem que os três reis magos fizeram a Belém para encontrar o Menino Jesus. Os palhaços, vestidos a caráter e cobertos por máscaras, representam os soldados do rei Herodes, em Jerusalém. A Folia têm a função de animar a festa e espantar os maus espíritos.

Fonte: A Redação

Outro aspecto fundamental para a memória e identidade campineira é o time de futebol “Atletico Clube Goianiense”, que surgiu em 1937, no centro de Campinas, na Praça Joaquim Lúcio. Foi elemento fundamental como forma de manifestação da rivalidade entre Goiânia e Campinas no período de desenvolvimento da capital. Contribuindo, então, para a manutenção das tradições e dos elementos simbólicos da Sociedade de Campinas. O atletico é de origem popular, tendo sua criação ligada diretamente a uma iniciativa comunitária, que veio de uma ação de moradores e comerciantes do bairro Campinas.

Para o cidadão campineiro de meu tempo a rotina dominical era quase sempre a mesma: missa das oito na Matriz, futebol à tarde (jogo do Atlético) e sessão das oito no Cine Campinas. (Melo, 1998)



Fig. 35

Time do Atletico Clube Goianiense, em 1940.

Fonte: História Do Atletico

No bairro também foi fundado o primeiro cinema em Goiânia, o Cine Teatro Campinas, inaugurado em 1936. O Cine Teatro Campinas teve seu projeto arquitetônico escolhido por meio de concurso público realizado à época, com cinco salas de cinema: Cine Tocantins (depois Cine Rio), Cine Campinas, Cine Avenida, Cine Eldorado e Cine Helena.

Na década de 1950, em Campinas existiam muitos equipamentos de lazer e eram usados pelos moradores de toda a cidade, como a piscina do Peclat, um clube, que se localizava próximo ao Córrego Cascavel; bem como o campo da Feirinha, que era um trecho de uma quadra onde se realizava a feira livre de produtores rurais duas vezes por semana.

Em Campinas existiam diversos bares, dentre eles: o Bar do Fiore, ponto de parada do time do Atlético; e o Bar do Chico, que também comercializava sorvetes.

Também dispunha de prostíbulos, com destaque para o de Maria Branca, Virgulina, Maria Bonita e Etelvina. Essas casas de “tolerância” concorriam com os bares de Goiânia (OLIVEIRA, 2003b).

Segundo o historiador e geógrafo Horieste Gomes, Campinas renunciou a tudo. Abriu mão de ser uma sede municipal, do potencial que possuía, dos recursos humanos, da matéria-prima, dentre outros. Tudo, para ser a mãe de Goiânia.

“O povo fala em progresso. Só que é um progresso que praticamente eliminou uma vida mais tranquila e mais rica em valores humanos. As crianças não têm mais espaço para brincar e não interagem com a comunidade. O trânsito ficou uma calamidade e as pessoas foram se mudando, pois o local perdeu as condições de ser habitado”.

(GOMES, 2011)

Atualmente o bairro é composto pelos seguintes dados demográficos:

	Área Territorial	População	Densidade Demográfica
Goiânia	729.296 km ²	1.437.237	1.970,72
Subdistrito	6.182.576,53m ²	20.975	3,39
Campinas	2.121.509,28m ²	10.918	5,14

Região com população e raio de abrangência

Tabela 01

Fonte: IBGE

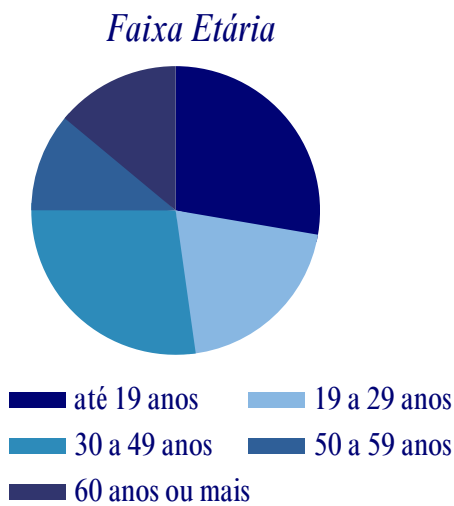


Gráfico 02
Fonte: IBGE

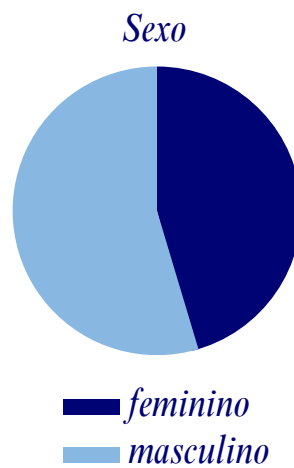


Gráfico 03
Fonte: IBGE

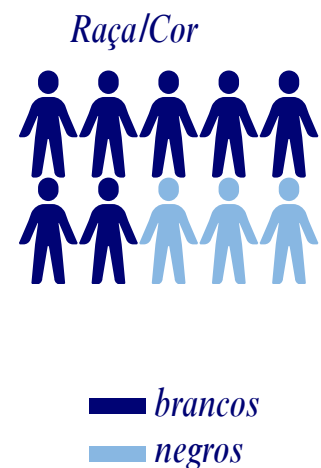
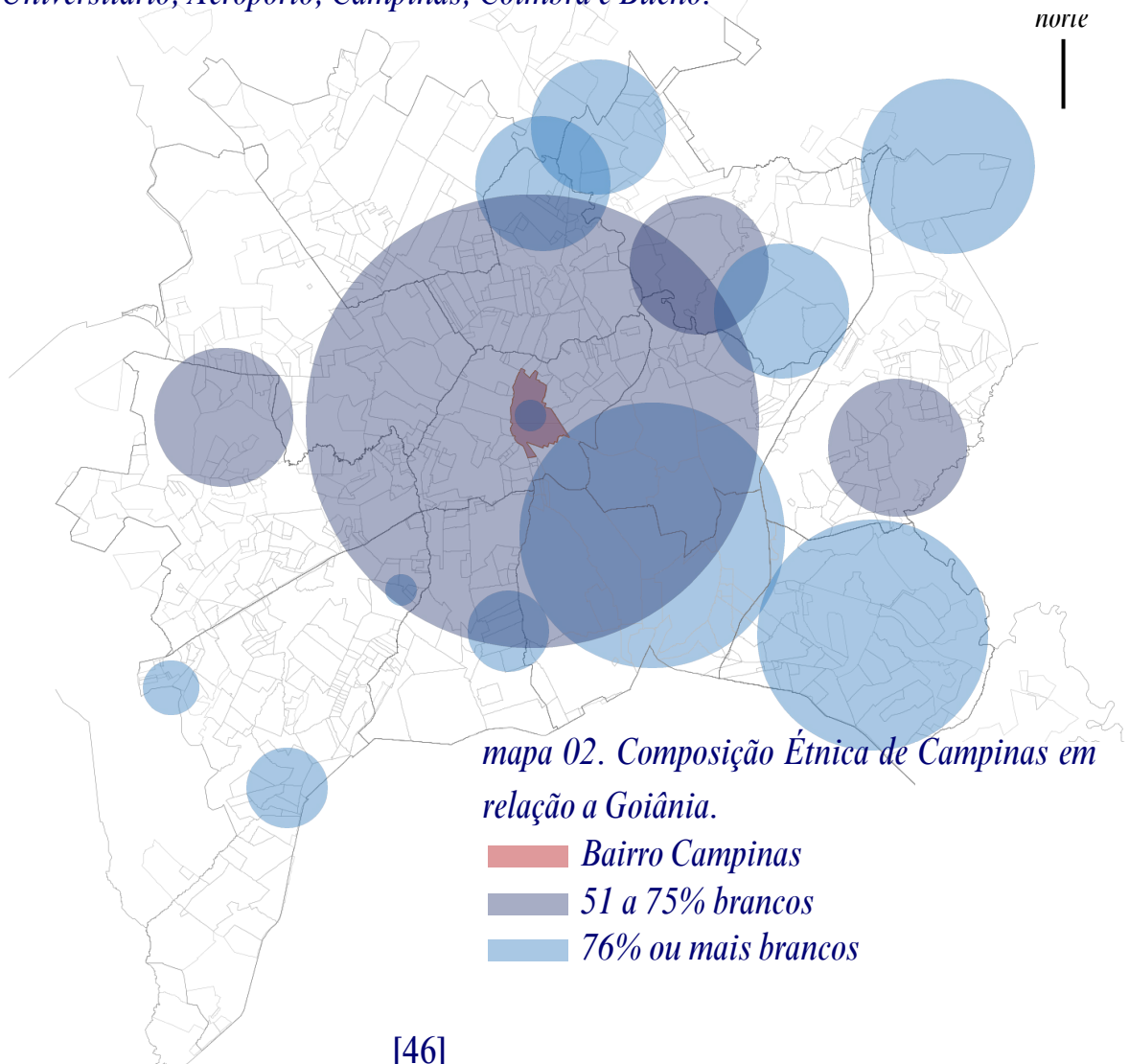


Gráfico 04
Fonte: IBGE

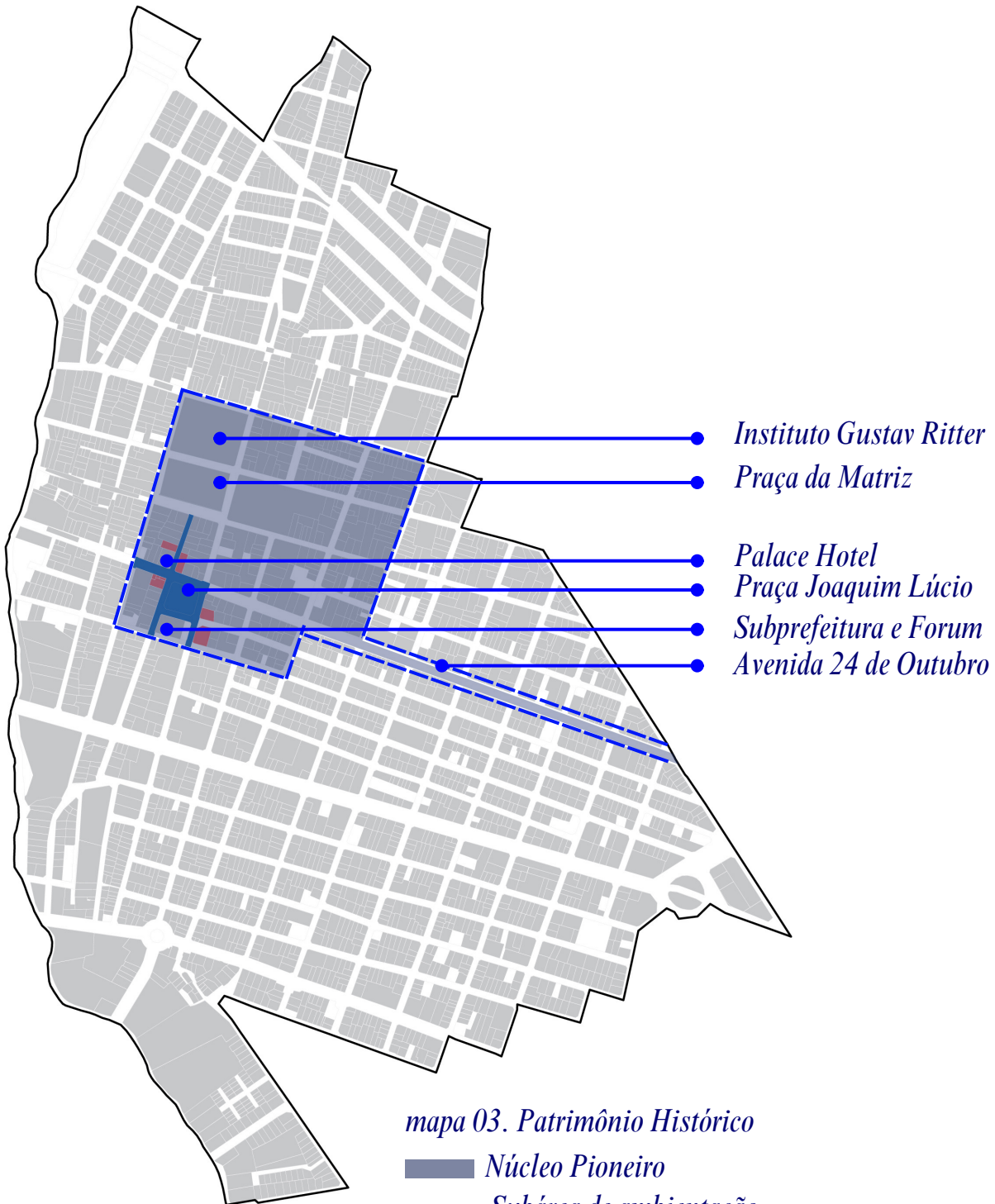
Segundo dados do IBGE, Campinas está entre as áreas que constituem “espaços brancos” em Goiânia, onde a maioria da população (entre 51% a 75% ou mais) se autodeclara branca e possui renda igual ou superior a cinco salários mínimos. Entre os bairros que correspondem a essa região, constam os setores Central, Leste Universitário, Aeroporto, Campinas, Coimbra e Bueno.



5.2.1

Patrimônio

norte



0 100 200 300

Os bens culturais existentes em Campinas, foram tombados em 2003, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A zona de interesse histórico situa o núcleo pioneiro e abrange os edifícios Palace Hotel, Subprefeitura de Campinas, Forum, também a praça Joaquim Lúcio e a avenida 24 de outubro.

O Instituto Gustav Ritter e a Praça Nossa Senhora da Conceição, mais conhecida como Praça da Matriz, foram considerados bens culturais, preservados e tombados pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Goiás, em decreto assinado em agosto de 1998.

O cadastro do Instituto e da praça foi realizado pelo grande valor histórico por seu vínculo com a igreja católica, sendo o local em que os padres rendedoristas ficaram em meados do século 20. O local possibilita e inspira o desenvolvimento de habilidades artísticas e contribui para a democratização do acesso à cultura do Estado de Goiás.



Fig. 36

Praça Joaquim Lúcio, inaugurado em 1936.

Fonte: Livro Goiânia Art Decó, Acervo arquitetônico dossiê de tombamento, 2007.

Livro ofertado para pesquisa pelo IPHAN.



Fig. 37

Palace Hotel, inaugurado em 1939.

Fonte: Livro Goiânia Art Decó, Acervo arquitetônico dossiê de tombamento, 2007.

Livro ofertado para pesquisa pelo IPHAN.



Fig. 38

Subprefeitura e Fórum, inaugurado em 1943.

Fonte: Livro Goiânia Art Decó, Acervo arquitetônico dossiê de tombamento, 2007.

Livro ofertado para pesquisa pelo IPHAN.



Fig. 39

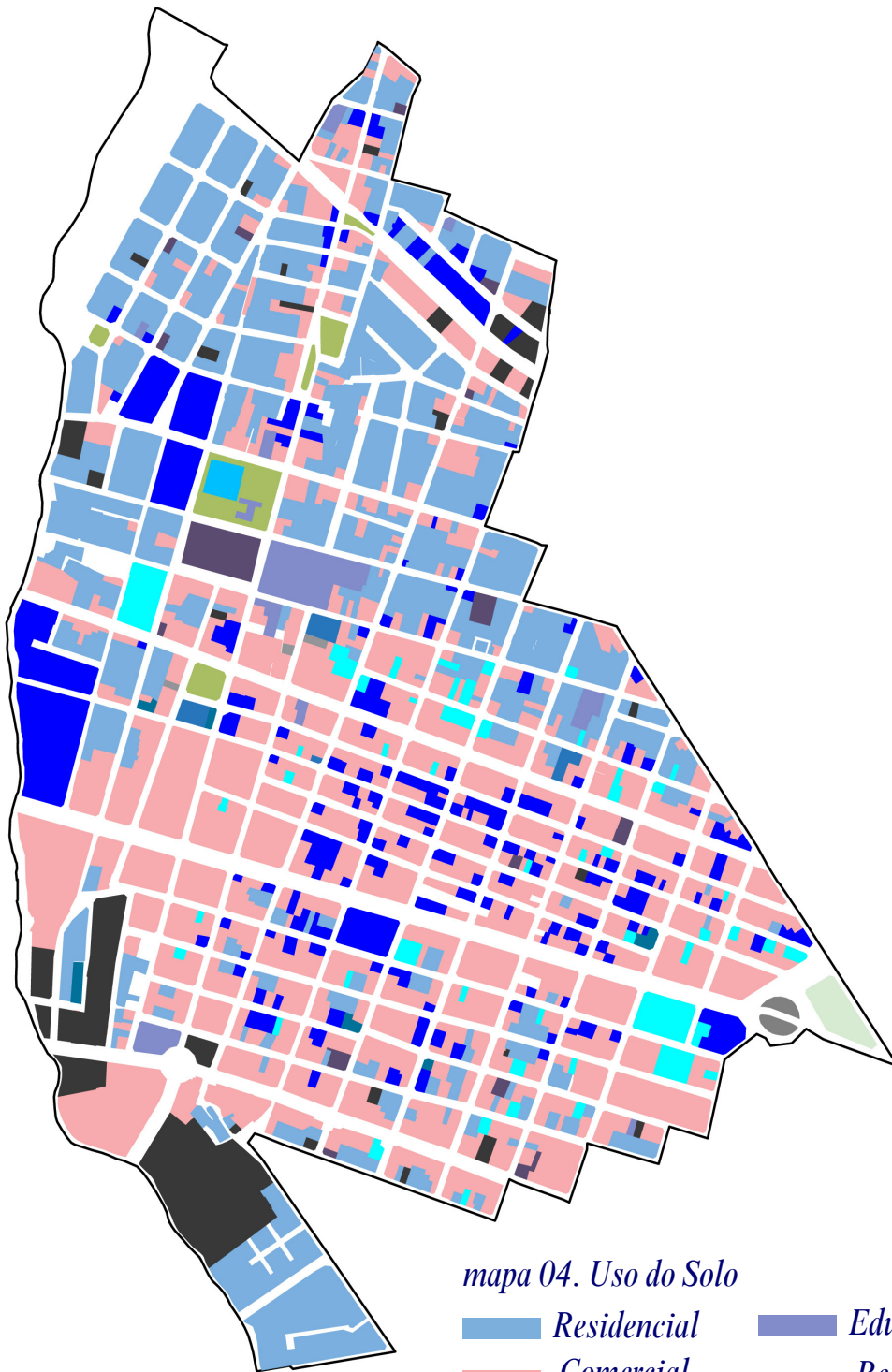
Instituto Gustav Ritter, inaugurado em 1988.

Fonte: Governo do Estado de Goiás, 2021.

5.3

Aspectos Físicos

norte



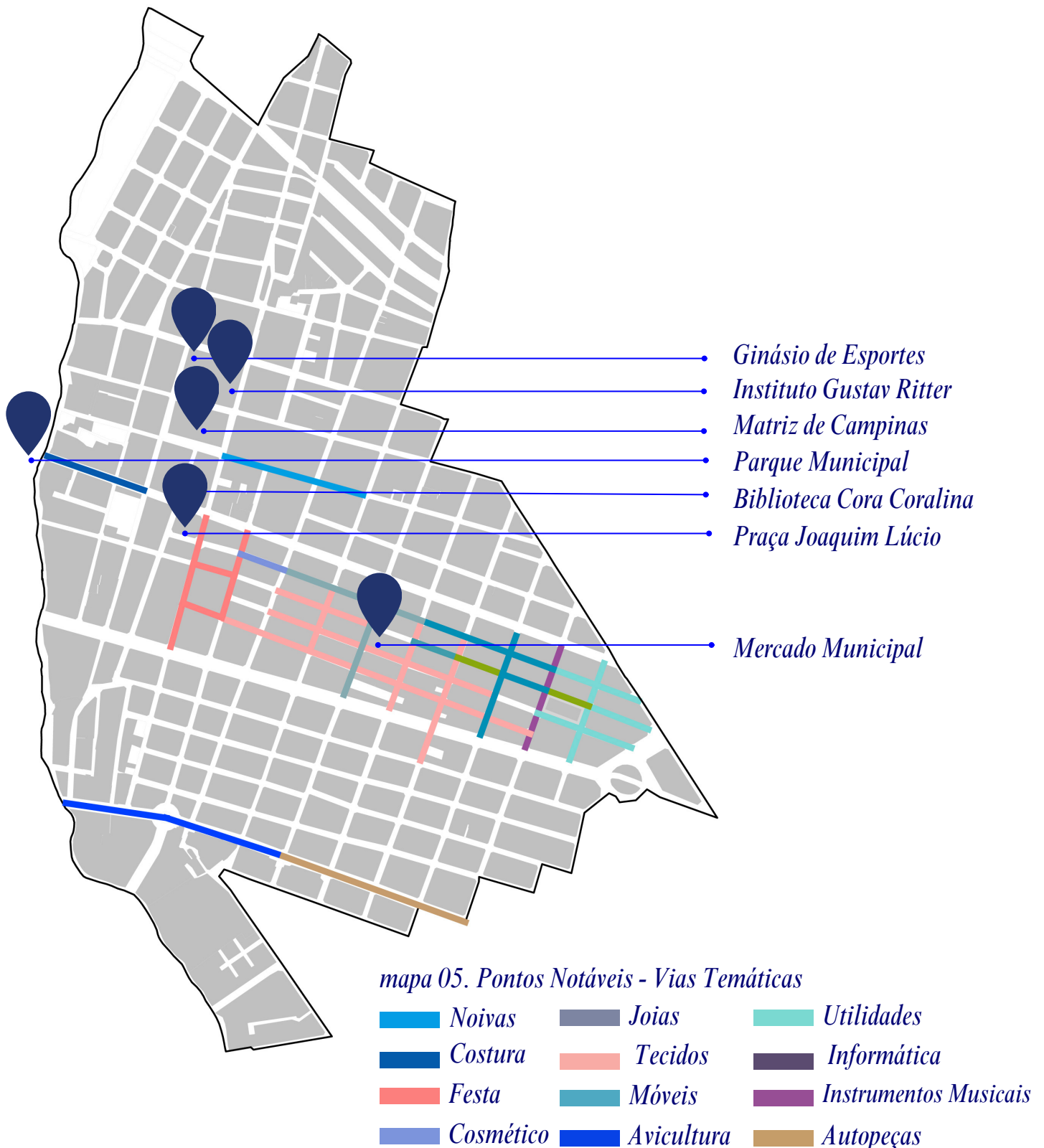
mapa 04. Uso do Solo

Residencial	Educacional	Estacionamento
Comercial	Religioso	Praça
Serviços	Saúde	Terminal
Institucional	Lazer	Vazio

0 100 200 300

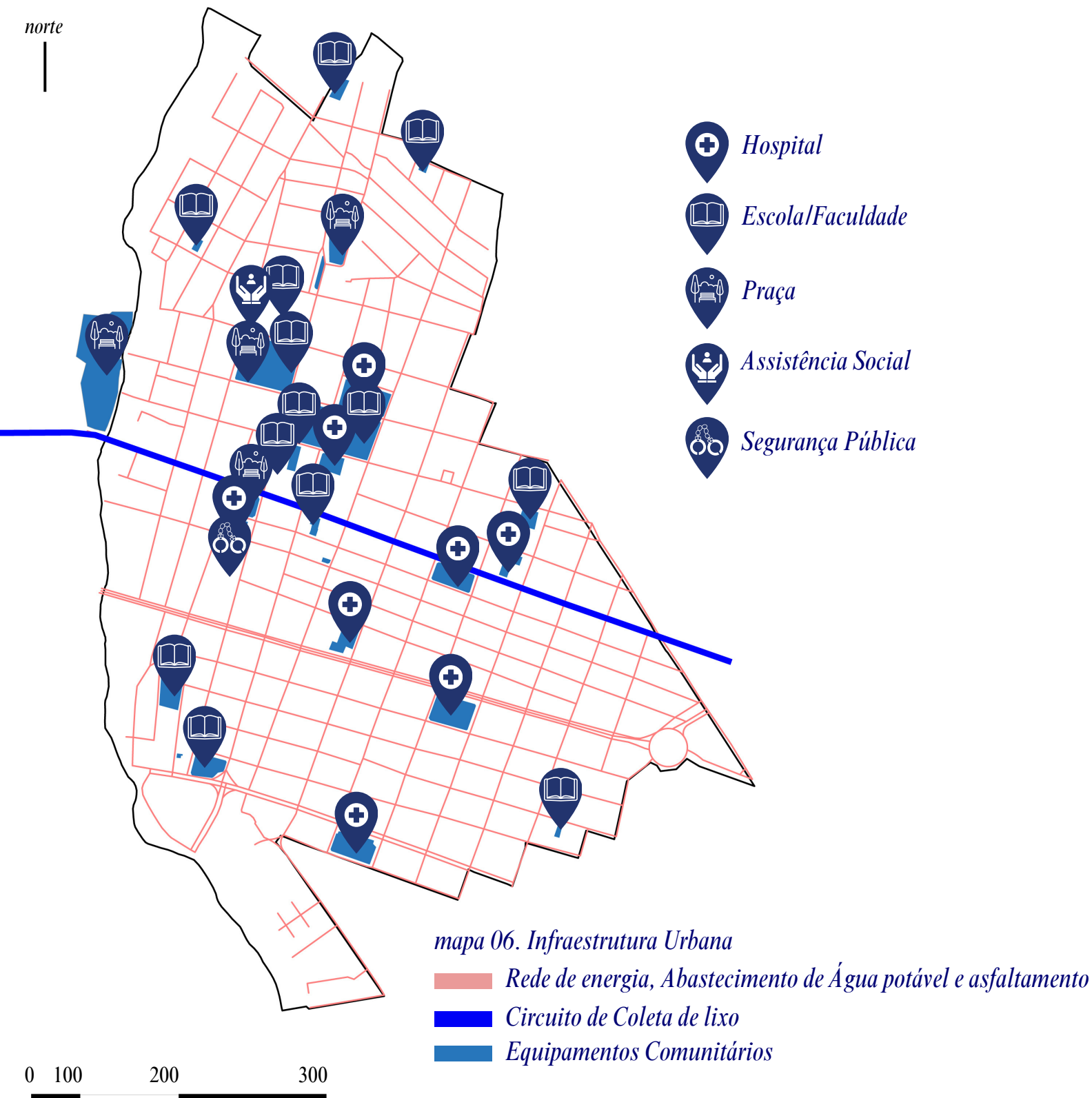
O uso do solo de Campinas é marcado pelo uso comercial. Com fluxo intenso de veículos, a via é bastante movimentada durante todo o dia e no percurso, percebe-se a paisagem urbana horizontal, com edifícios de um ou dois pavimentos, sendo o térreo de lojas comerciais, e os pavimentos superiores de prestadores de serviços.

Os pontos notáveis da região, em sua maioria, são associados aos primeiros edifícios e varia entre usos de lazer, comercial, educacional e institucional.



5.3.1

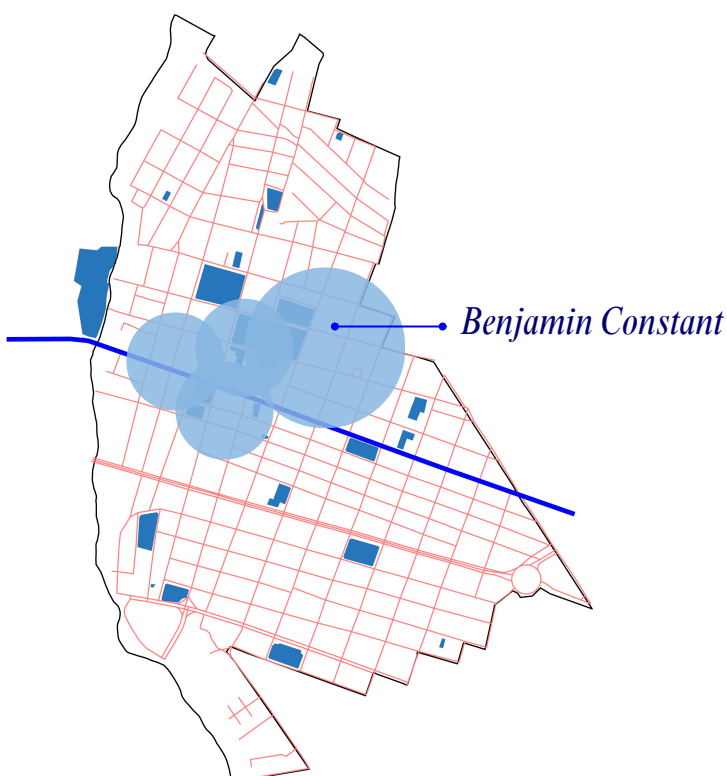
Infraestrutura Urbana



A região de Campinas é toda atendida de infraestrutura e a coleta de lixo acontece diariamente, porém a ocupação urbana da região resultou em um quadro preocupante em relação às questões ambientais e de saúde pública.

Campinas é uma das áreas que mais exigem de trabalho preventivo e de reparo, pois com a impermeabilização do solo, o desmatamento das matas ciliares, a erosão e assoreamento dos rios, a grande quantidade de resíduos sólidos sem destino adequado, entre diversos fatores aliados a falta de conscientização da população e compromisso do poder público em fiscalizar, transforma o solo propício a problemas como inundações e alagamentos frequentes.

Atualmente a área apresenta diversos pontos críticos de alagamento e degradação do espaço, atrapalhando a circulação de pessoas e qualidade de vida da população residente. Há pelo menos noventa e quatro pontos críticos de alagamentos em Goiânia e a região de Campinas é a segunda com o maior número, sendo vinte e três no total. Esses pontos se localizam, em sua maioria, na Avenida Anhanguera com a Rua Quintino Bocaiúva.



mapa 07. Localização da maioria dos pontos de alagamento em Campinas.

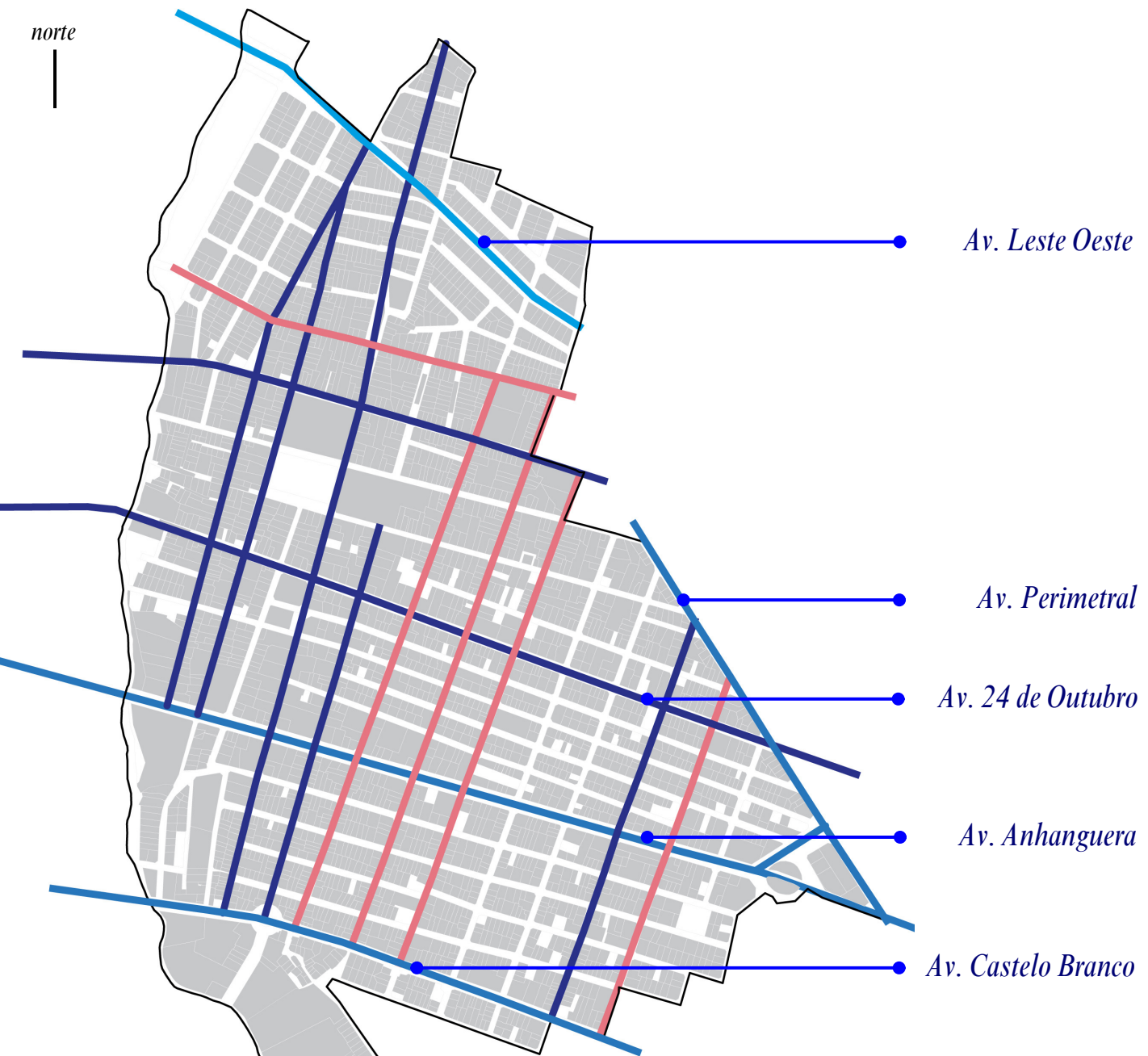
Fig. 30 a 41.

Rua Benjamin Constant.





Fonte: Acervo pessoal.

5.3.2

Mobilidade Urbana



mapa 08. Hierarquia Viária

-  Corredor Estruturador
-  Via Arterial de 1ª Categoria
-  Via Arterial de 2ª Categoria
-  Via Coletora

0 100 200 300

O sistema viário do bairro se constitui por algumas das principais vias da cidade, sendo o corredor estruturador Avenida Leste Oeste, as Avenidas 24 de outubro, Anhanguera, Castelo Branco e a Perimetral Norte.

O bairro é bem atendido de pontos de ônibus e localiza o terminal da praça A, que é um dos três terminais de integração do eixo Anhanguera, e tem um corredor exclusivo de trânsito rápido, fazendo ligação as extremidades Leste Oeste no decurso da Avenida Anhanguera.



mapa 09. Mobilidade



Pontos de ônibus



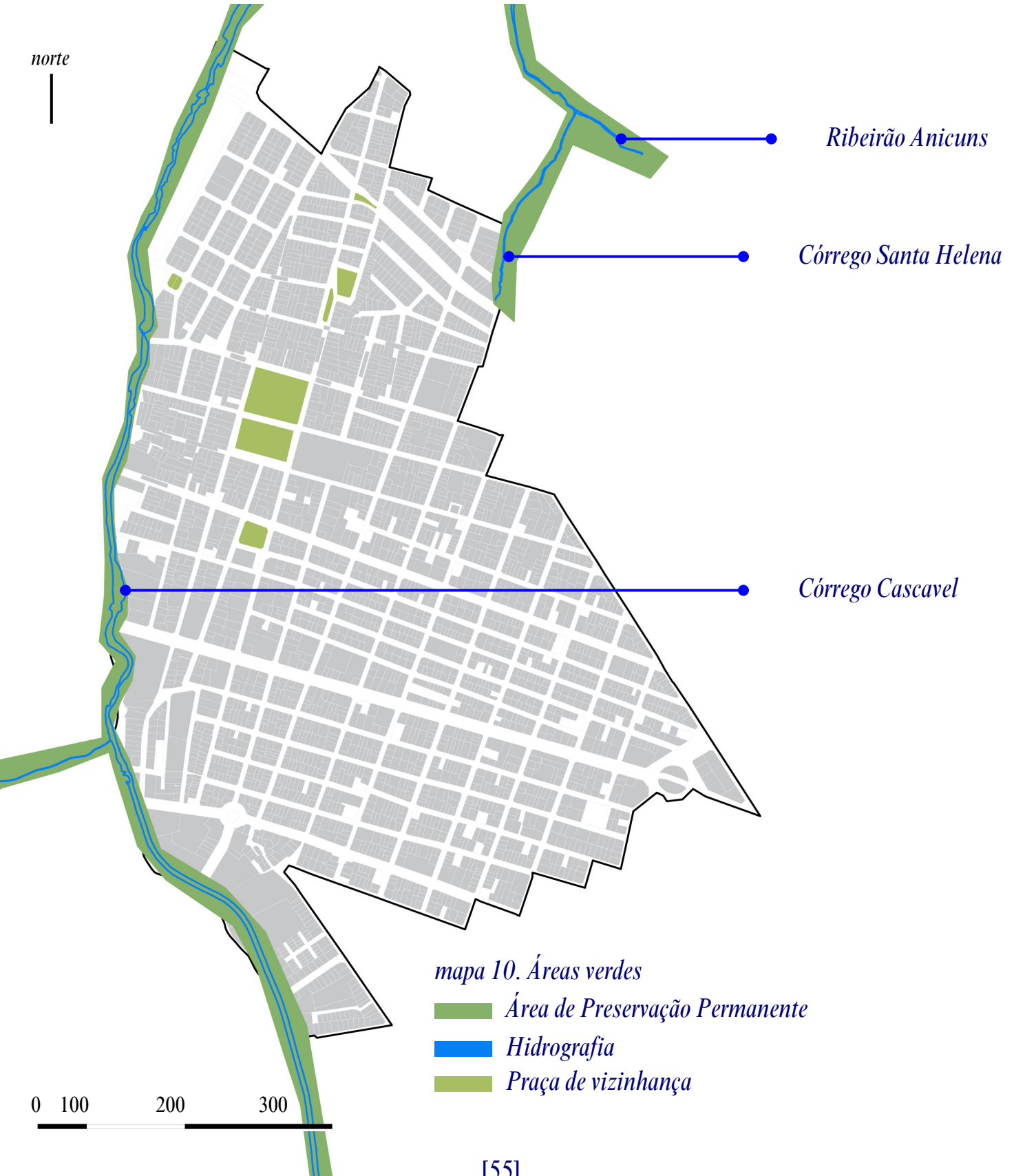
Ponto de ônibus do Eixo Anhanguera



Terminal Praça A

5.3.3

Meio Ambiente



O bairro Campinas localiza o córrego Cascavel, Anicuns e Santa Helena.

O córrego Cascavel tem grande importância para o município de Goiânia e para a vida do rio Meia Ponte, que é a principal fonte de abastecimento de água da cidade. Já o córrego Santa Helena sofreu uma espécie de soterramento durante o processo de urbanização, que ocorreu principalmente na fase inicial da construção da cidade, durante as décadas de 1930 e 1940, e depois quando a cidade cresceu mais intensamente, nas décadas de 1960 e 1970, o córrego foi enterrado sob o asfalto.

No bairro apresenta diversas árvores de grande porte e muito antigas, um local onde também as tubulações foram feitas pela própria população, de modo que feriram raízes de algumas árvores, o que facilita que elas caíam com a chuva.

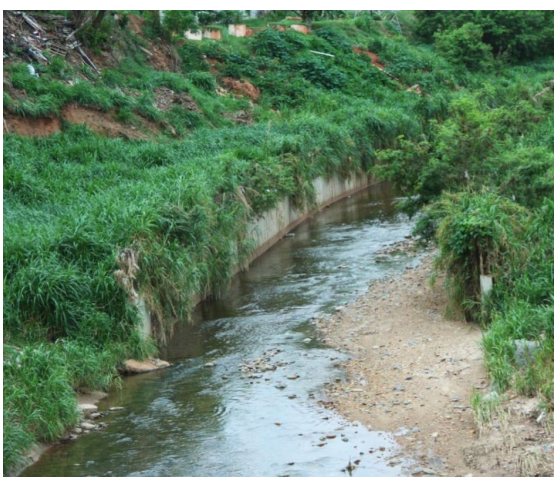


Fig. 42 a 43.

Córrego Cascavel.

Fonte: JORNAL, O POPULAR, 2020.



Fig. 44 a 45.

Córrego Santa Helena.

Fonte: JORNAL, O POPULAR, 2020.

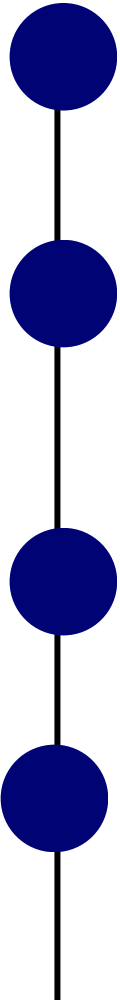
Problemas

<p>Densidade</p>		<p>Priorização do uso comercial e de serviços sob o uso residencial, ocasionando insegurança no bairro, pois quando inativos esses usos, as ruas se tornam desertas.</p>
<p>Patrimônio</p>		<p>Edificações e Traçado Tombado não tem a atenção do poder público encontram-se em estado de abandono..</p>
<p>Infraestrutura Urbana</p>		<p>Saneamento Básico e sistema de drenagem deficiente, ocasionando impermeabilização do solo e prejudicando a estrutura de escoamento da cidade.</p>
		<p>Deficiência na iluminação pública em áreas de convivência, praças e vias onde tem o enfraquecimento no período noturno.</p>
		<p>Degradação do asfaltamento e buracos que atrapalham o percurso, gerando poças de água.</p>
		<p>Equipamentos comunitários degradados e/ou pouco utilizados, devido infraestrutura deficiente.</p>
<p>Mobilidade Urbana</p>		<p>Vias e calçadas estreitas e deterioradas, dificultando a circulação, pois há prioridade de veículos sob pedestres.</p>
		<p>Pontos de ônibus degradados, carente de manutenção e não atende ao fluxo de pessoas.</p>
<p>Meio Ambiente</p>		<p>Áreas verdes degradadas e poluídas, contribuindo para o aquecimento nas áreas mais urbanizadas.</p>
		<p>Falta de conscientização da população sobre as demandas de coleta de lixo e separação de determinado resíduo e descarte adequado.</p>

<i>Potencialidades</i>	<i>Estratégias</i>
<i>Lotes em áreas com potencial de transformação urbana.</i>	<i>Estimular o uso residencial, circulação em período diurno e aplicação das políticas habitacionais.</i>
<i>Memória histórica significativa para o bairro, a cidade e Estado.</i>	<i>Investir na preservação, manutenção ou restauração do patrimônio histórico da cidade.</i>
<i>O bairro é todo atendido.</i>	<i>Implantar jardins de chuva, sarjetas e canais de drenagem pluvial; observando efetivamente sua localização em relação aos pontos críticos de alagamento.</i>
<i>O bairro é todo atendido.</i>	<i>Distribuir postes de luz em áreas deficientes; implantar rede de energia subterrânea e desenvolver canais de comunicação com a população.</i>
<i>O bairro é todo atendido.</i>	<i>Renovar vias e tornar algumas regiões permeáveis.</i>
<i>Suficiente em número de atendimento.</i>	<i>Frisar sua importância, conectar diferentes equipamentos e propor manutenção tanto nas áreas quanto nas vias lindeiras.</i>
<i>Importantes vias de acesso a cidade.</i>	<i>Ampliar vias e construir ciclovia; promover a integração do transporte público; realizar a manutenção de calçadas e garantir sinalização adequada; tornar a circulação acessível.</i>
<i>Bairro bem atendido e sistema de trânsito rápido.</i>	<i>Aumentar a qualidade de tais pontos.</i>
<i>Áreas que localizam importantes córregos.</i>	<i>Incluir a arborização como parte da necessidade da comunidade, realizando a seleção adequada e estratégica de acordo com a área; implementar políticas públicas e legislação necessária.</i>
<i>Coleta realizada diariamente.</i>	<i>Propor canais de conscientização a fim de induzir a população a descartar o lixo adequadamente; distribuir conjunto de lixeiras para coleta seletiva e propor instalação de cooperativas.</i>

6.

Diretrizes Projetuais Urbanismo Tático

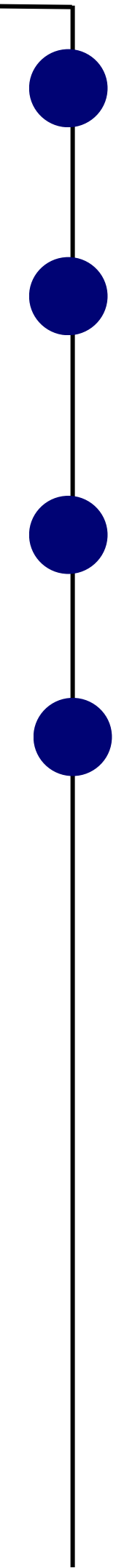


1. *Envolver a participação ativa da comunidade local. Os moradores devem ser consultados e envolvidos no processo de planejamento e implementação das intervenções.*

2. *Promover um planejamento urbano integrado, considerando a interação entre os diferentes elementos da cidade, como transporte, habitação, infraestrutura, áreas verdes e serviços públicos. Isso permite a criação de espaços urbanos mais eficientes e sustentáveis.*

3. *Implementar em uma escala gradual, começando com intervenções de pequena escala e expandindo com base nos resultados obtidos. Isso permite que sejam feitas melhorias a longo prazo.*

4. *Priorizar o uso eficiente do solo, evitando a expansão urbana descontrolada e a ocupação de áreas de preservação ambiental. Incentivar a densificação urbana, com a criação de bairros mistos, onde as pessoas possam trabalhar, morar e ter acesso a serviços próximos, reduzindo a necessidade de deslocamentos longos.*



5. Promover a mobilidade sustentável, priorizando o transporte público de qualidade, a infraestrutura cicloviária e o incentivo ao uso compartilhado de veículos. Isso reduz a dependência do carro, diminui o tráfego e a poluição, e melhora a qualidade de vida da população.

6. Valorizar e preservar as áreas verdes e os recursos naturais da cidade, como parques, praças, rios e áreas de preservação ambiental. Promover a recuperação de áreas degradadas e a criação de espaços verdes, contribuindo para a qualidade do ar, a biodiversidade e o bem-estar da população.

7. Promover a inclusão social, garantindo o acesso equitativo aos serviços públicos, como saúde, educação, transporte e lazer. Criar espaços públicos inclusivos, que promovam a convivência e a interação entre as pessoas, independentemente de sua origem social, idade ou habilidades.

8. Incentivar a participação da comunidade no processo de planejamento e tomada de decisões, garantindo que as necessidades e os desejos da população sejam considerados. Isso fortalece o senso de pertencimento e a responsabilidade coletiva pela cidade.

7.

Proposta





Densidade = Habitação de Interesse Social

- *Localizados entre a Avenida Castelo Branco, próximo a Alameda Marginal Cascavel, foram escolhidos dois lotes vagos e extensos, atualmente sem uso, que estão em uma área com potencial de transformação urbana, pela proximidade com o comércio e serviço. Através de Habitações de Interesse Social, será estimulado o uso residencial, a circulação de pessoas em período diurno e aplicação das políticas habitacionais.*



Patrimônio = Requalificação em área Tombada

- *Em proximidade com o Instituto Gustav Ritter e a Praça Nossa Senhora da Conceição, dois bens culturais preservados e tombados, a Praça do Ginásio Campinas foi escolhida pela potencialidade do equipamento. A praça tem diversos problemas que abrangem o bairro e a cidade, como por exemplo, a falta de atenção governamental e manutenção em sua estrutura e mobiliário urbano. Somado ao fato de que, pela extensão do bairro, as praças são pouco aproveitadas, gerando a carência de locais de encontro. Dessa forma, será uma estratégia de desenvolvimento sociocultural e resgate do simbolismo histórico.*



Infraestrutura Urbana = Adequação da rua

- *A Avenida Anhanguera foi escolhida para representar a adequação da infraestrutura pois é uma via de 1ª categoria e localiza o corredor do Eixo Anhanguera. A via tem um potencial porque possibilita conexões entre as diversas áreas do bairro e da cidade. Representará jardins de chuva e sarjetas pl/ drenagem pluvial, observando efetivamente sua localização em relação aos pontos críticos de alagamento; distribuição de postes de luz; implantação da rede de energia subterrânea.*
- *A Avenida São Paulo também foi escolhida para representar uma rua completa - o shopping a céu aberto - pois localiza o Mercado Municipal e evidencia a característica marcante das vias temáticas. Para isso, conectar diferentes equipamentos e propor manutenção.*



Mobilidade Urbana = Implantação de Ciclovias

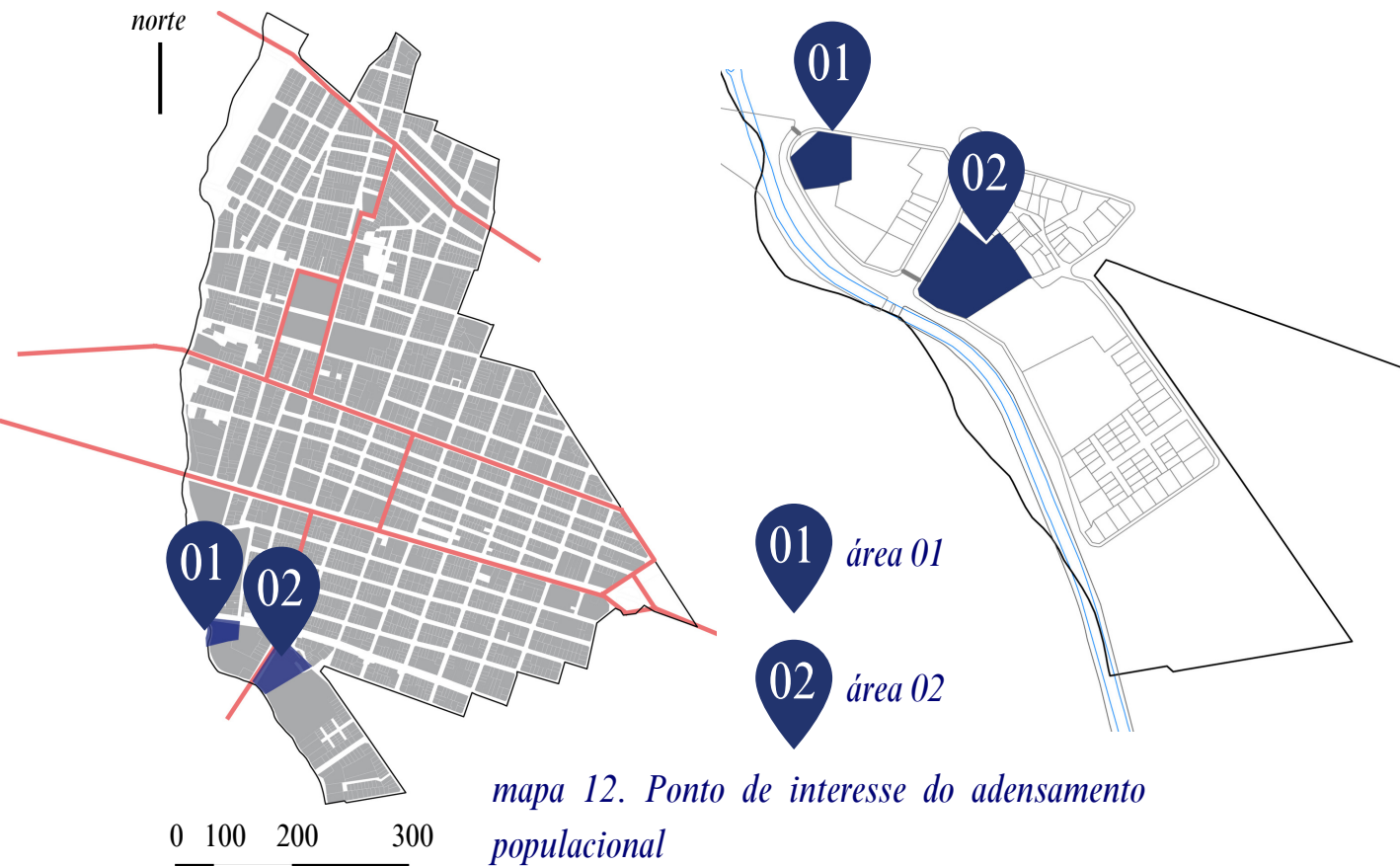
- *Representada na Avenida Anhanguera, a ciclovias irá conectar as diversas áreas do bairro, incluindo o traçado tombado e o corredor do Eixo Anhanguera, o principal corredor de mobilidade urbana de Goiânia. Assim, ampliar vias e construir ciclovias; promover a integração do transporte público; realizar a manutenção de calçadas e garantir sinalização adequada; tornar a circulação acessível.*



Meio Ambiente = Cooperativa de Reciclagem

- *Três lotes vagos utilizados para descarte de lixo foram escolhidos para representação de cooperativas de reciclagem. Assim, além de realizado esse tipo de serviço, será como canais de conscientização a fim de induzir a população a descartar o lixo adequadamente.*

Densidade



mapa 12. Ponto de interesse do adensamento populacional

Campinas passou de uma área conhecida como pouso e abrigo, para um centro comercial. No decorrer do processo de intensa urbanização e ocupação do solo, somado ao fato de que bairros limítrofes reforçaram a sua centralidade, Campinas perdeu a “cultura de morar” e passou a ser um bairro comercial. Residências passaram a ter seu uso alterado por completo para comercial, ou passaram por reformas, em que parte da fachada era para fins comerciais.

Com o tempo os moradores do bairro se sentiram insatisfeitos com a perda de sua autonomia e reagiram de maneira negativa. Uma parte dessas pessoas desenvolveu o desejo coletivo de manter a integridade de Campinas e sua identidade cultural. Outra parte optou por adequar suas residências para uso misto ou uso comercial, como uma oportunidade para melhorar de vida. E o restante saiu da região.

Atualmente as pessoas que ali moram sentem que é uma região abandonada, sem o sentido de pertencimento. Além disso, vivem com a insegurança, pois as ruas só se movimentam em horário comercial.

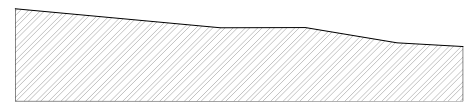
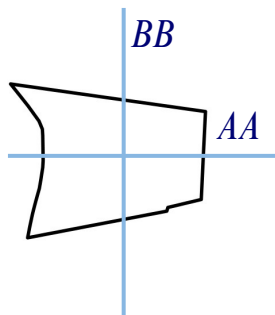
Diante dessa realidade, Com o objetivo de aplicar as políticas habitacionais previstas no Plano Diretor de Goiânia e estimular a circulação de pessoas pelo bairro em período diurno, a intervenção propoe o adensamento populacional através de Habitação de Interesse Social.

Foi identificado que não há áreas adensáveis na região de Campinas, assim, pelo potencial de transformação urbana, foram escolhidos lotes vazios e extensos, próximos a vias consideradas importantes na hierarquia viária.

A intervenção busca recuperar o sentimento de pertencimento e reconhecimento de um bairro para morar, incentivando o uso residencial, de maneira que se conecte com a parte comercial do bairro e as principais fontes de mobilidade, incluindo a ciclovía proposta.



*Lote 01: 5.019 m²
atualmente: 2,17 hab/m²
proposta: 300 hab/ha*



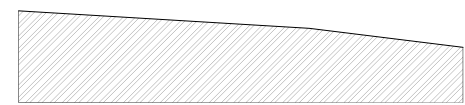
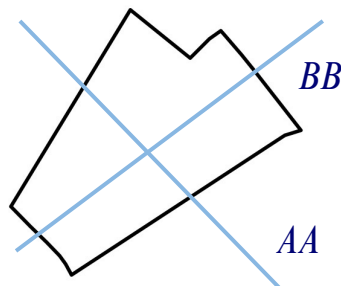
Corte 01. AA



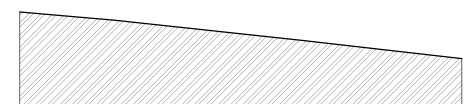
Corte 02. BB



*Lote 02: 8.542 m²
atualmente: 1,27 hab/m²
proposta: 500 hab/ha*



Corte AA

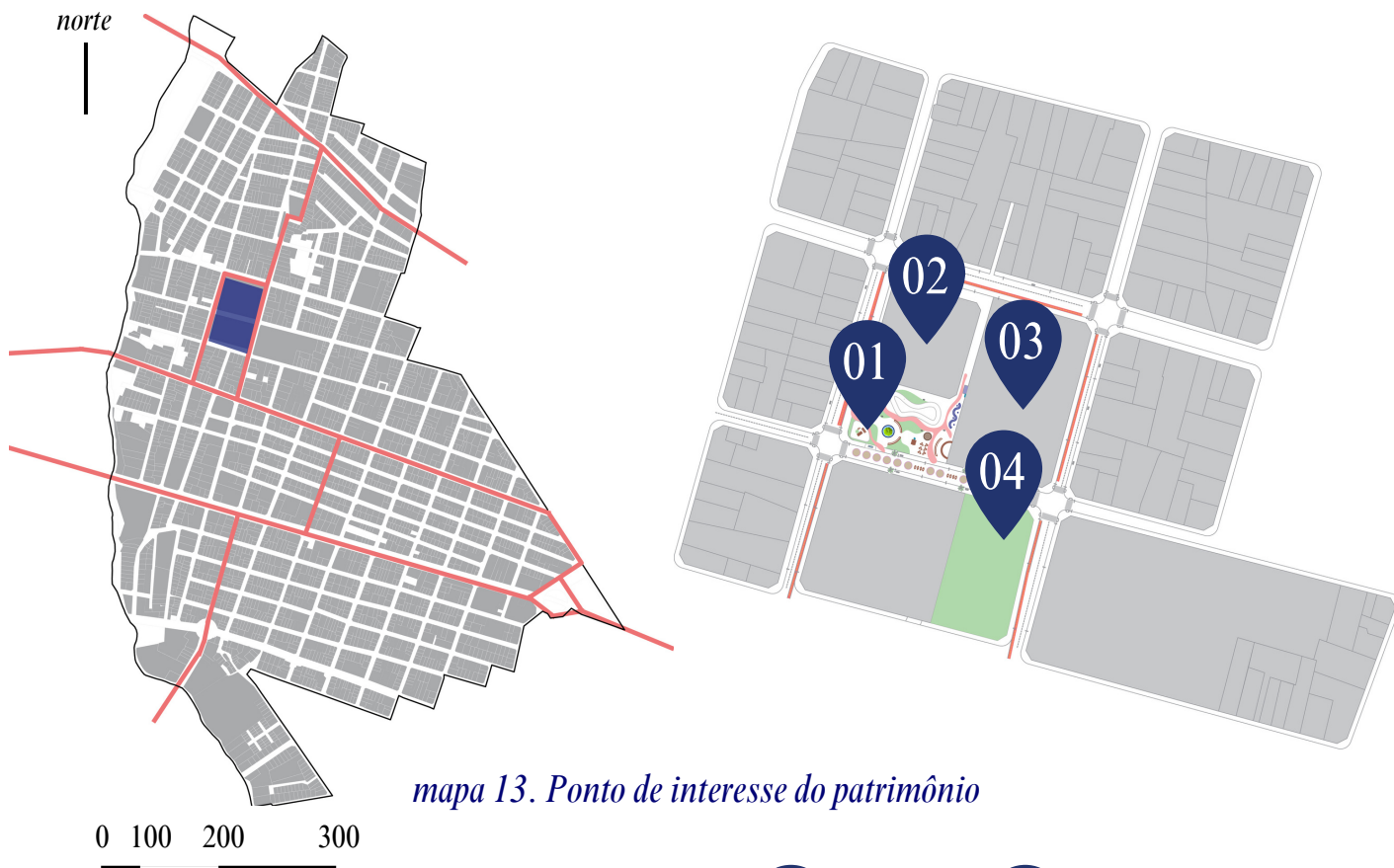


Corte BB

Fig. 46 a 51.

Fonte: Google Maps, 2023.

Patrimônio



mapa 13. Ponto de interesse do patrimônio

- | | | | |
|----|---------|----|-----------------|
| 01 | Praça | 03 | Gustav Ritter |
| 02 | Ginásio | 04 | Praça da Matriz |

Muitos equipamentos de lazer existiam em Campinas e eram usados pelos moradores de toda a cidade. A influência social, cultural e econômica reflete-se na organização do espaço urbano, e esse reflexo se reproduz no espaço público do bairro, que atualmente se encontra com sua identidade prejudicada, expressão de abandono e áreas degradadas.

Como forma de preservar a memória sociocultural e resgatar o simbolismo histórico do bairro Campinas, foi proposto requalificar a Praça do Ginásio de Esportes, pois está localizada nas proximidades do Instituto Gustav Ritter e a Praça da Matriz, ambos bens culturais tombados e preservados.

Como a praça possui pouca atenção governamental, com mobiliário urbano comprometido, deficiente em iluminação pública e estrutura carente de manutenção, o projeto se desenvolve a partir da ideia de cumprir a função social do espaço público, de modo que impacte positivamente nos bens culturais e evidencie a sua importância.




Fig. 52 a 54. A situação da praça atualmente, em 2023.

Fonte: Acervo Pessoal



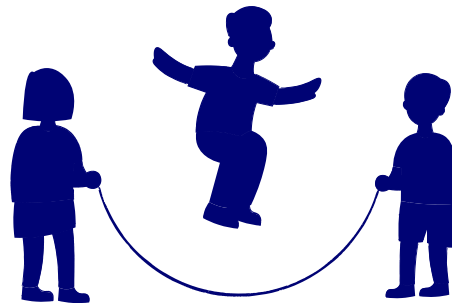
Planta 01. Intervenção na Praça



- 
- 01 *Ciclovía*
02 *Caixa de areia para crianças*
03 *Caixa de areia para cães*
04 *Mobiliário Ludico*
05 *Espelho d'água*
06 *Banco para contemplação e descanso*
07 *Pista de Skate*
08 *Pia Pública*
09 *Bicicletário*
10 *Praça de alimentação*
11 *Banheiro Público*
12 *Pia Pública e bebedouro*
13 *Painel artístico e piso Lúdico*
14 *Palco de apresentação*
15 *Feira de rua*
16 *Ponto de ônibus com espera segura*



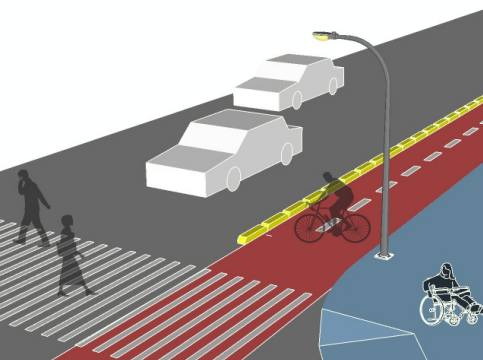
conviver



brincar



exercitar



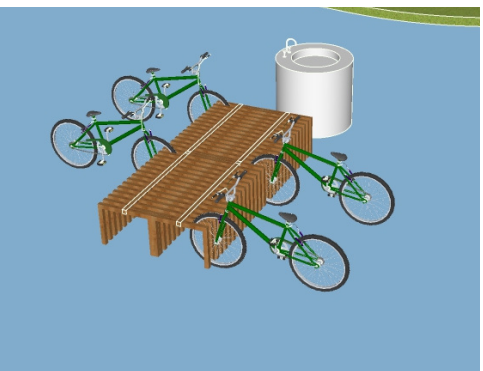
O uso da ciclovia conectando as diversas áreas do bairro e da cidade com a praça.



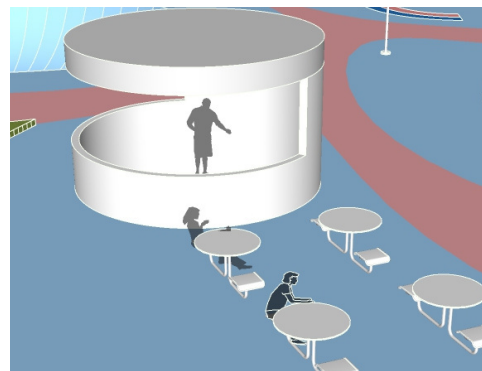
Caixa de areia permitindo brincadeira na superfície de areia para crianças.



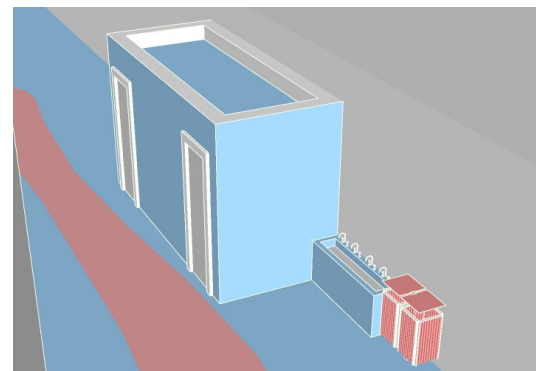
Caixa de areia permitindo a brincadeira para cães.



Pia pública e bicicletário.



Praça de alimentação e quiosque.



Banheiro público, bebedouro e lixeira.



comer



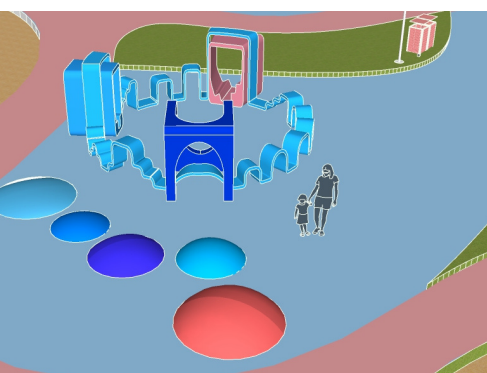
contemplar



assistir



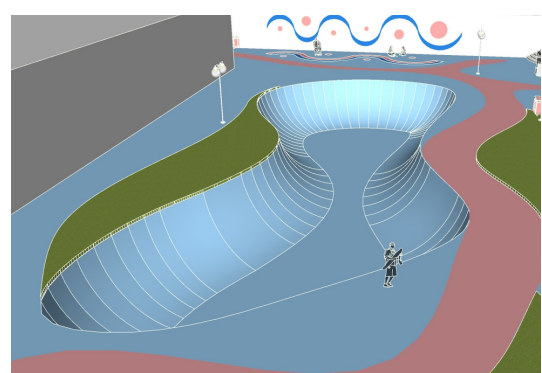
descansar



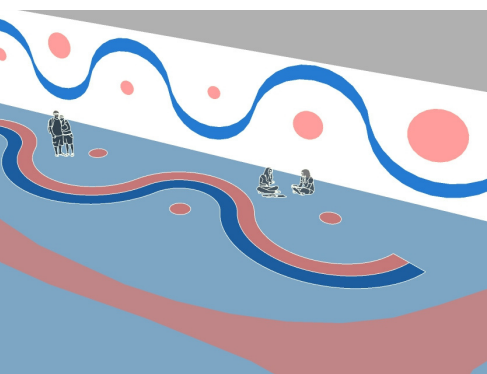
Mobiliário lúdico para estimular a imaginação das pessoas, e induzi-las a apropriar-se do espaço.



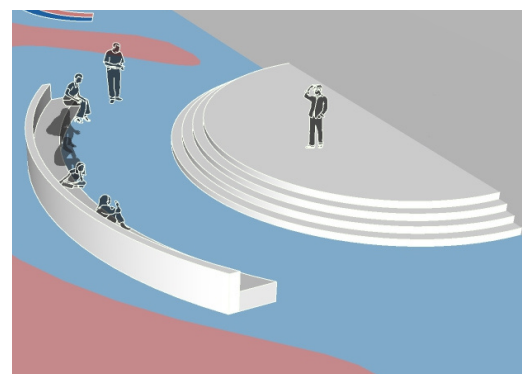
Espelho d'água e banco para contemplação, proporcionando descanso.



Pista de Skate para estimular a prática do esporte.

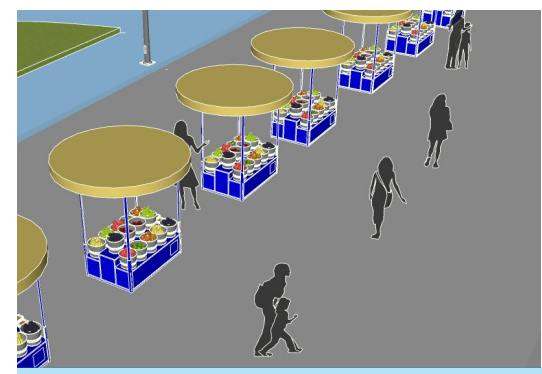


Painel artístico e piso com desenho lúdico.



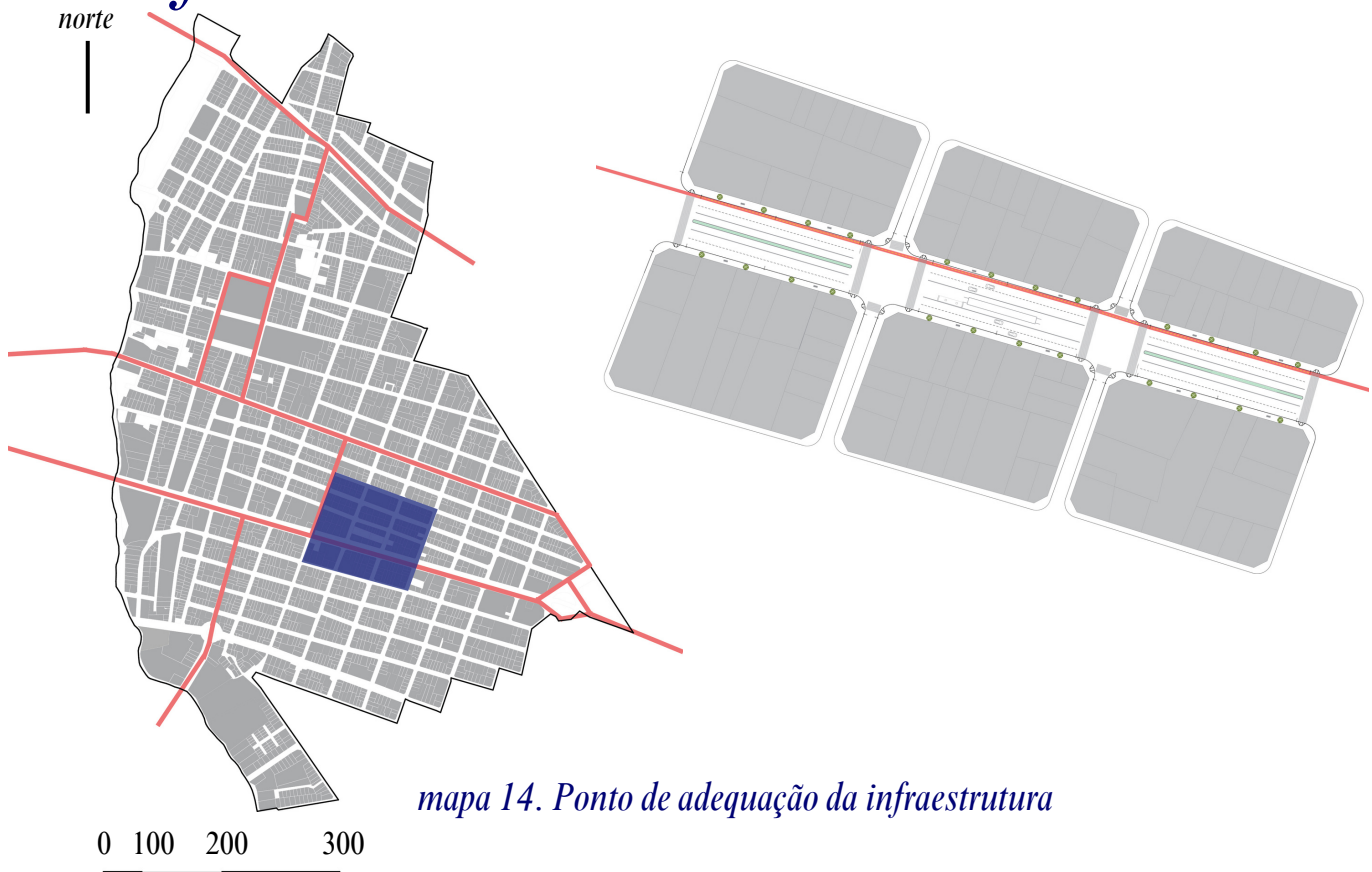
Palco para apresentação artística ao ar livre, estimulando a programação cultural.

[70]



Feira de rua aos fins de semana, com rua fechada para lazer.

Infraestrutura e Mobilidade Urbana



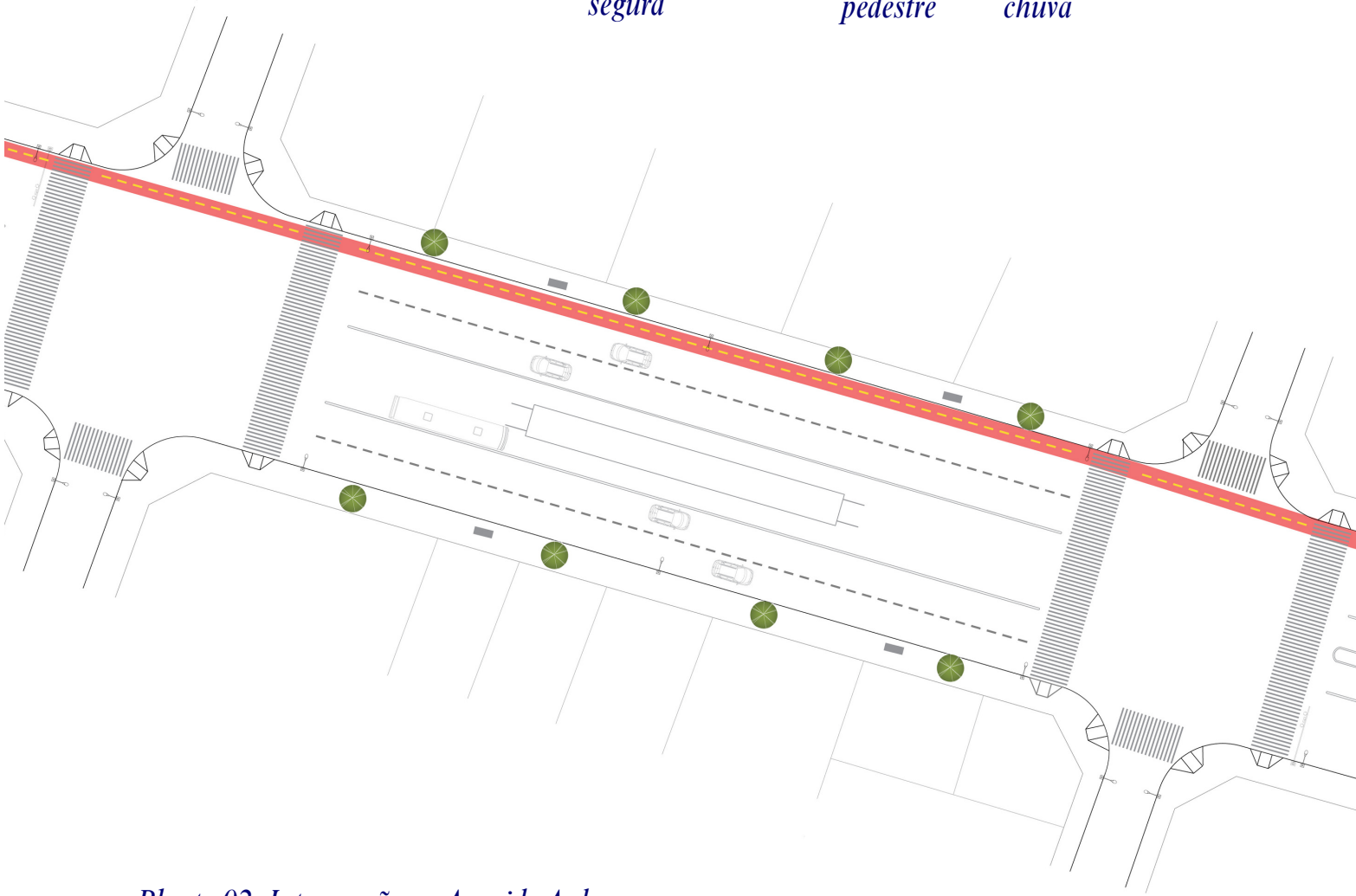
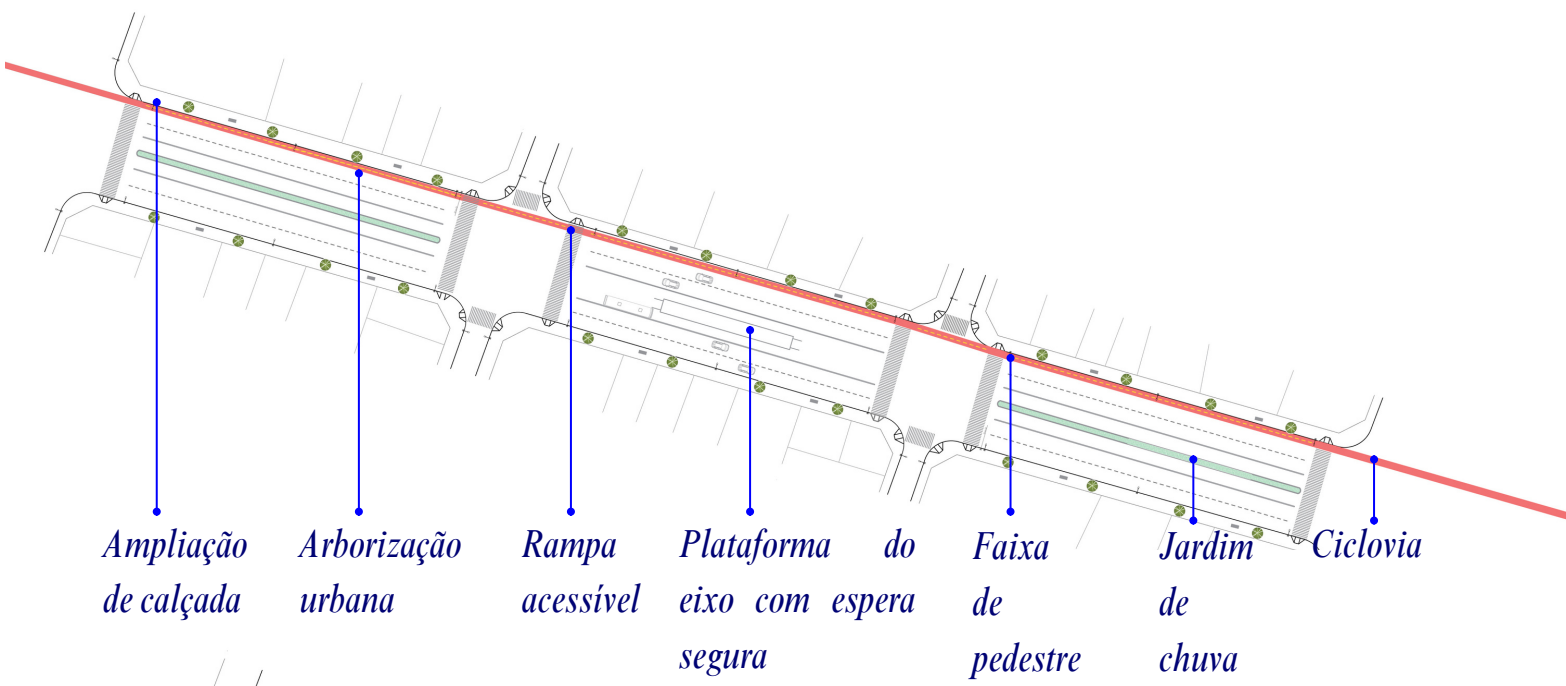
mapa 14. Ponto de adequação da infraestrutura

A maioria dos problemas do bairro são relacionados a sua estrutura física, sendo Campinas uma área deficiente de infraestrutura urbana.

A área apresenta asfaltamento degradado, com buracos que atrapalham o percurso, gerando poças de água; sistema de drenagem deficiente; iluminação pública comprometida pela má disposição de postes e também fiação atrapalhando a visualização da paisagem. As vias e calçadas são estreitas e deterioradas, dificultando a circulação, pois há prioridade de veículos sob pedestres.

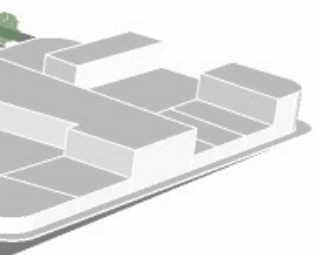
A proposta se fundamenta em dispor rede eficiente de estradas, transporte público, arborização urbana, ciclovia e calçadas com acessibilidade.

A Avenida Anhanguera foi escolhida para representar a adequação da infraestrutura pois é uma via de 1ª categoria e localiza o corredor do Eixo Anhanguera. A via tem potencial de transformação urbana, pois possibilita conexões entre as diversas áreas do bairro e da cidade.

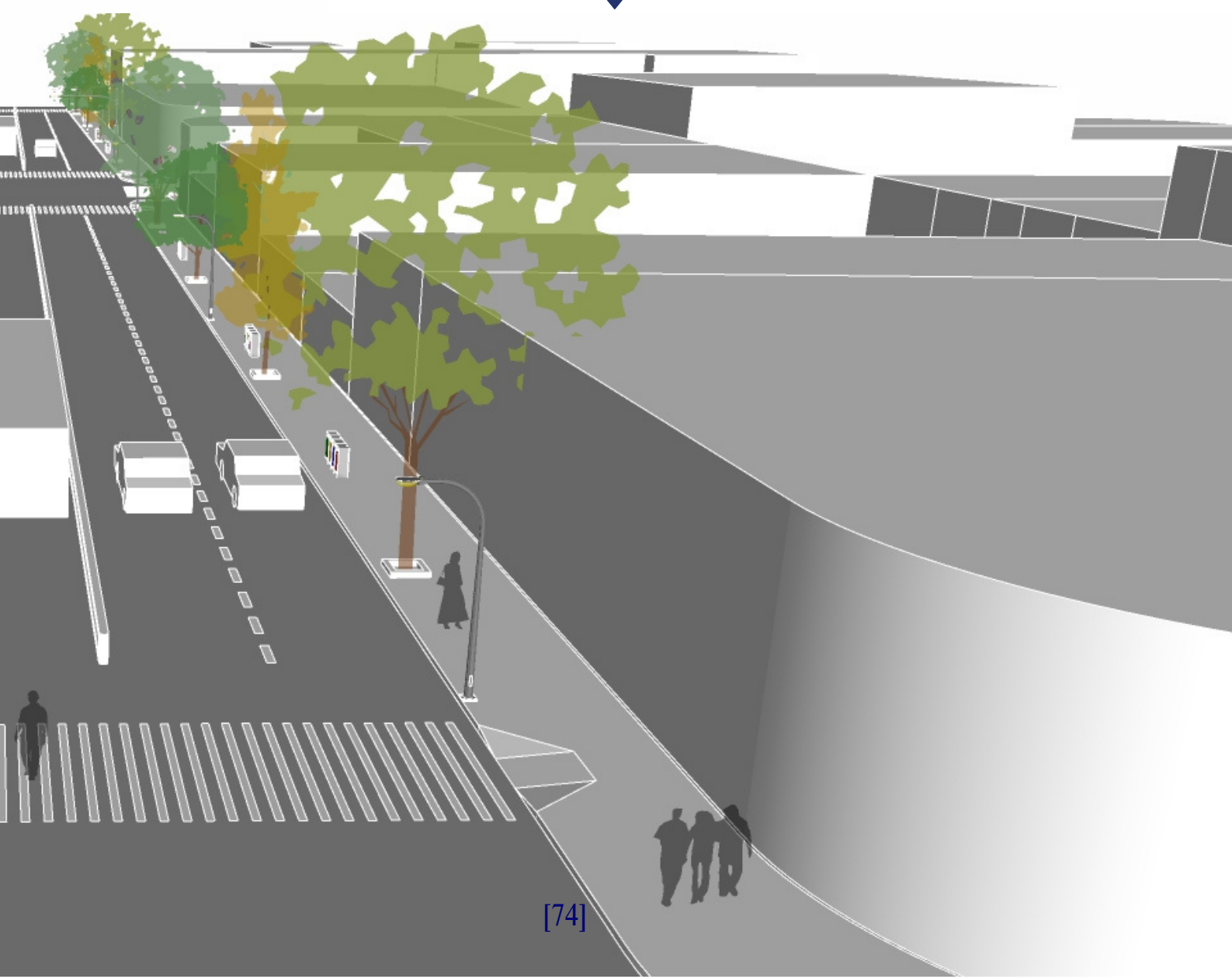


Planta 02. Intervenção na Avenida Anhanguera





Localização da proposta





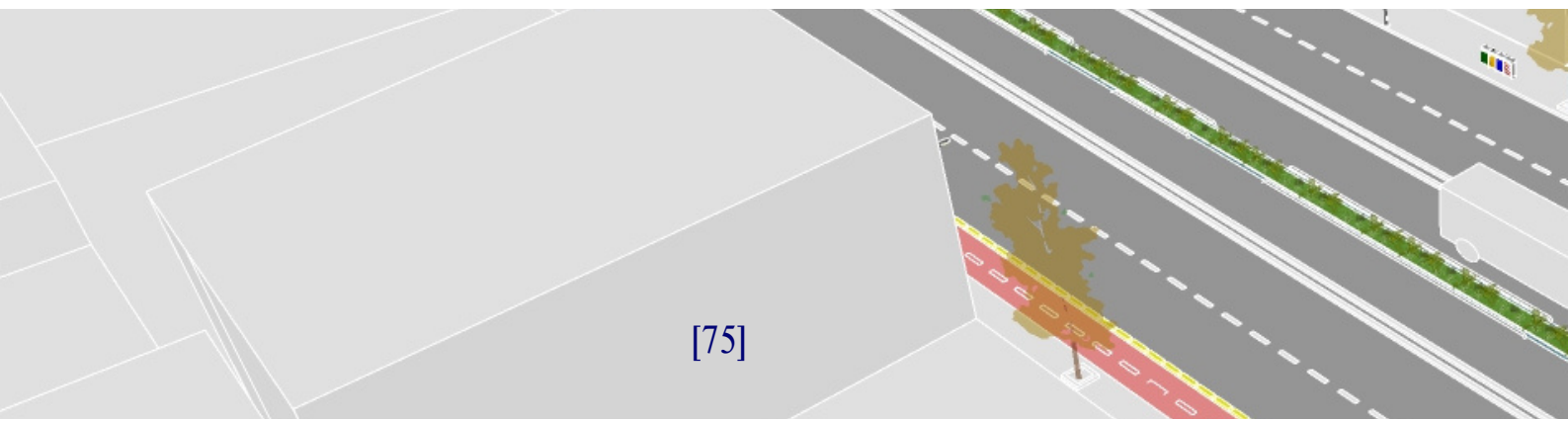
caminhar em segurança



Além de disponibilizar a ciclovia, a proposta visa melhorar a experiência de mobilidade ao longo da rua e da espera do transporte público, oferecendo faixa de pedestre, rampa de acesso e divisórias entre a plataforma do Eixo Anhanguera e a via principal.

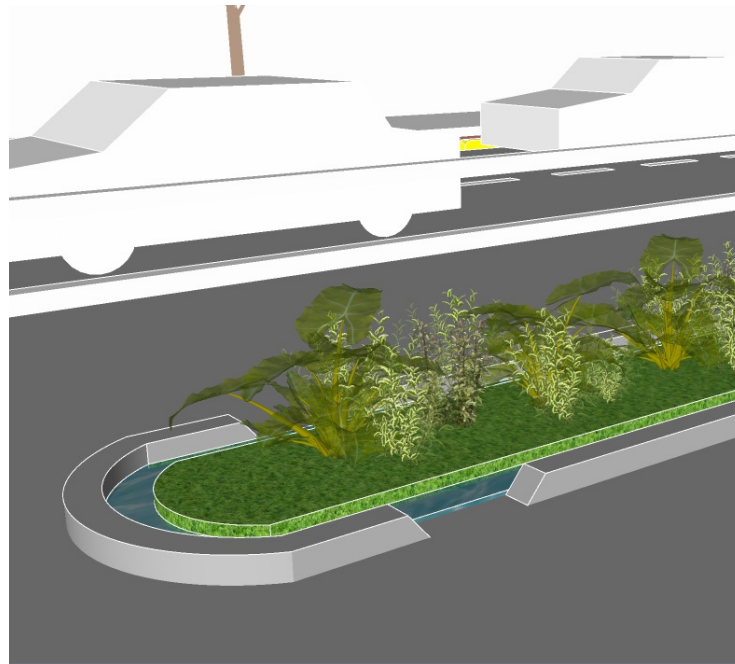


Também foi trabalhada a disposição de postes para a iluminação pública em uma rede de energia subterrânea; a distribuição de lixeiras para coleta seletiva e adequada; e arborização urbana para diminuir o aquecimento da área e Incluir a arborização como parte da necessidade da comunidade.

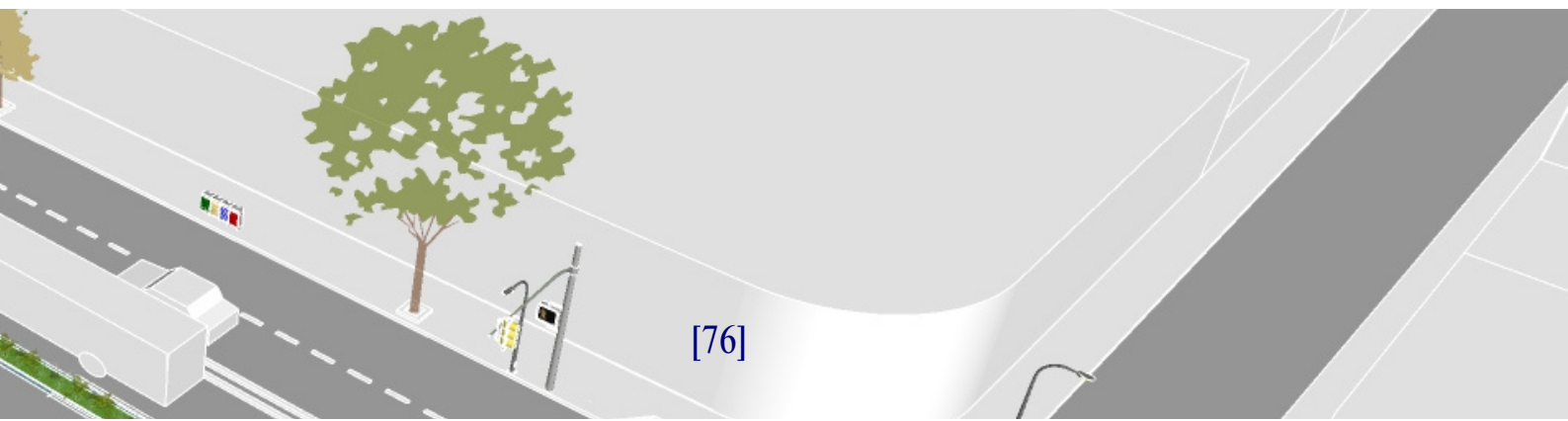




O sistema de drenagem é um problema pontual no bairro e dessa forma na intervenção o jardim de chuva será uma técnica compensatória de drenagem urbana, funcionando como purificador das águas pluviais, além de ser uma forma de retenção que diminui o fluxo de água para os bueiros e canais, promovendo menor impacto ambiental, social e econômico.



Detalhe do Jardim de chuva.



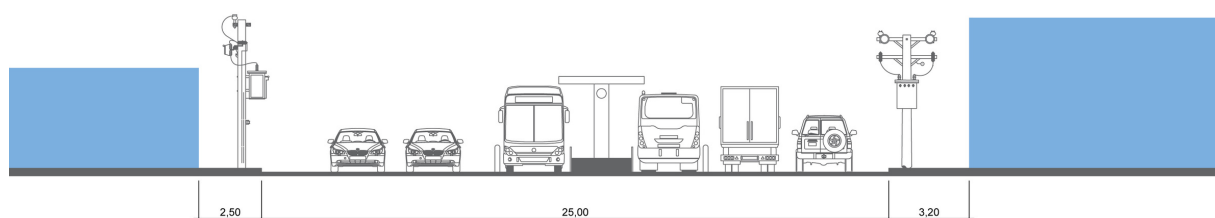
Ciclovía



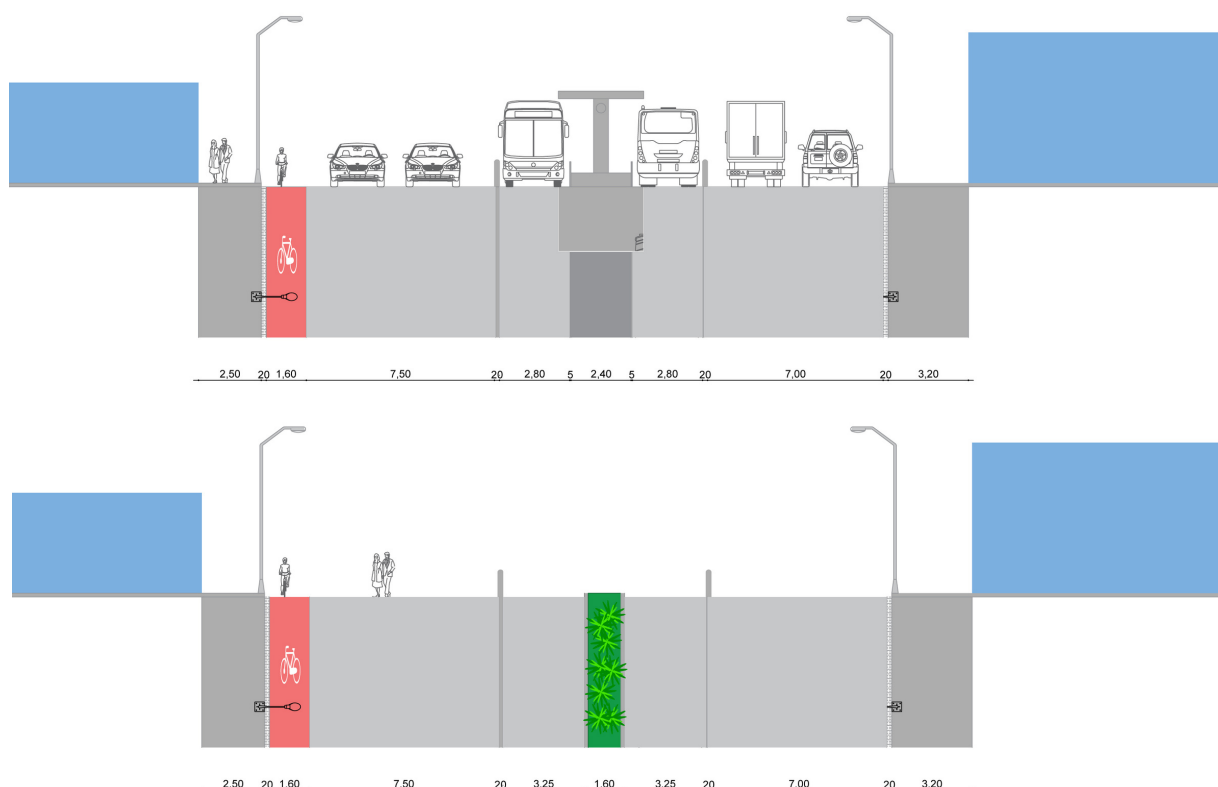
A proposta visa implantar a infraestrutura cicloviária para, além de promover mobilidade urbana sustentável e segura, conectar as diversas áreas do bairro, incluindo as que terão intervenção.

A ciclovia oferece um espaço exclusivo para os ciclistas se deslocarem, separando-os do tráfego de veículos e pedestres. A ciclovia proporciona um ambiente mais seguro o risco de acidentes e conflitos. Ela também contribui para a segurança dos pedestres, ao separar as áreas de circulação.

A presença da ciclovia irá incentivar as pessoas a utilizarem a bicicleta como meio de transporte, seja para o trabalho, estudo ou lazer. Isso contribuirá para a redução do fluxo de trânsito na via, diminuindo congestionamentos e poluição.

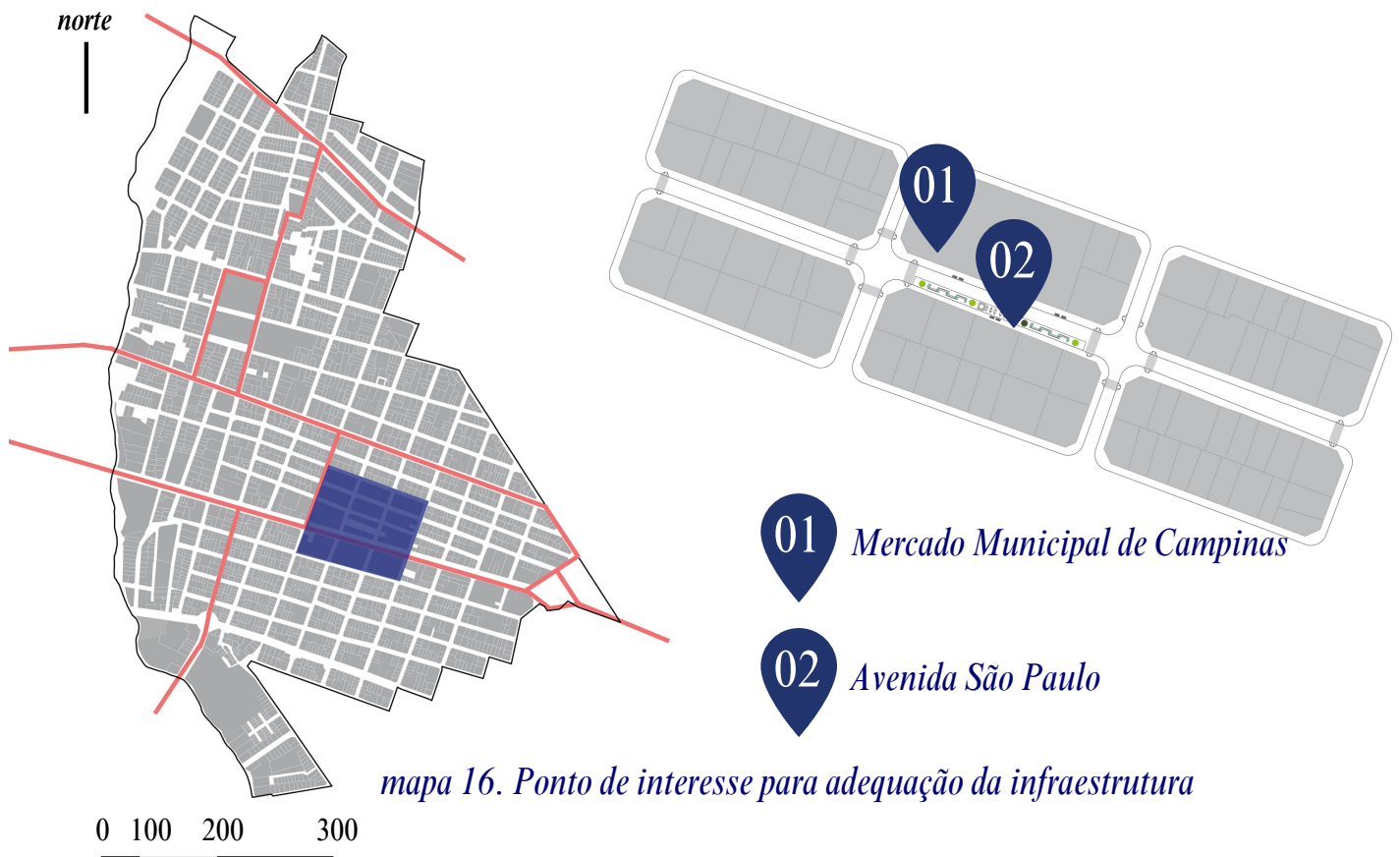


Corte 03. Avenida Anhanguera atualmente



Corte 04. Avenida Anhanguera proposta

Shooping a céu aberto

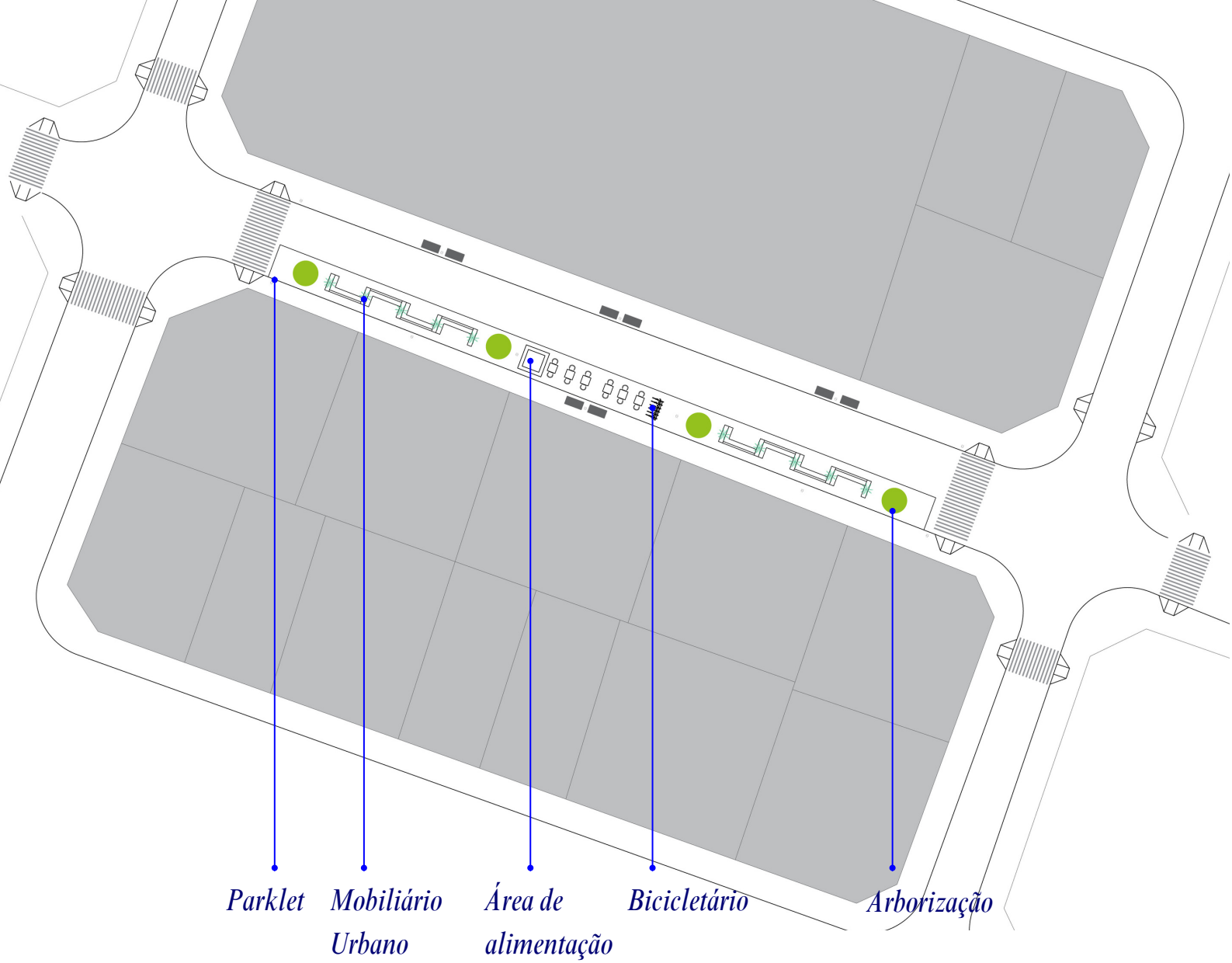


mapa 16. Ponto de interesse para adequação da infraestrutura

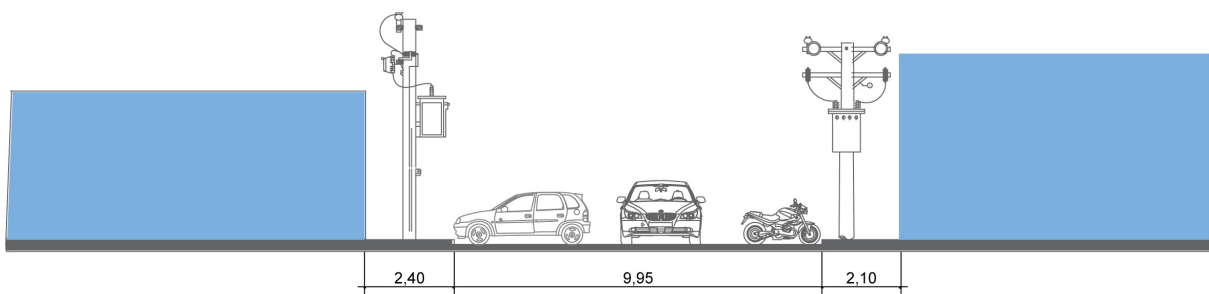
Como forma de estimular a centralidade do bairro, levando em consideração que é uma característica marcante não somente para a região, mas também para o estado de Goiás, o plano de estruturação de um shopping a céu aberto está locado nas áreas que estão a maioria das vias temáticas.

A proposta visa desenvolver uma rua completa na Avenida São Paulo, pois a mesma localiza o Mercado Municipal e como está a duas vias de distanciamento da Avenida Anhanguera, tem menor necessidade de fluxo de veículos. A estruturação da rua completa permitirá qualificar o espaço público sob uma perspectiva de baixo carbono, redistribuição do espaço da rua para os usuários de diferentes modos, para que possam não apenas deslocar-se em segurança, mas permanecer e socializar. O conceito de ruas completas tem se consolidado como caminho para propor uma nova distribuição do espaço viário, que contemple o bem-estar e a mobilidade de todas as pessoas, protegendo as mais vulneráveis e priorizando a sustentabilidade.

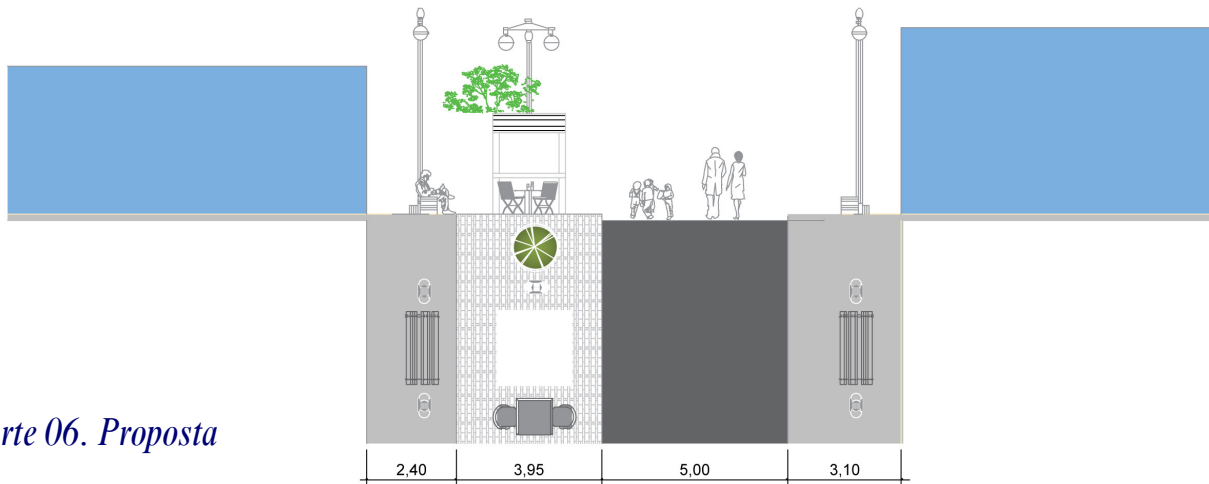
A rua completa contribuirá para a redução de alta temperatura da região, pois impedindo a circulação de veículos, inibe a formação de ilhas de calor e o desconforto térmico. estimula a caminhada, a bicicleta e o transporte coletivo. Torna as ruas um espaço público acolhedor, que estimule a permanência das pessoas.



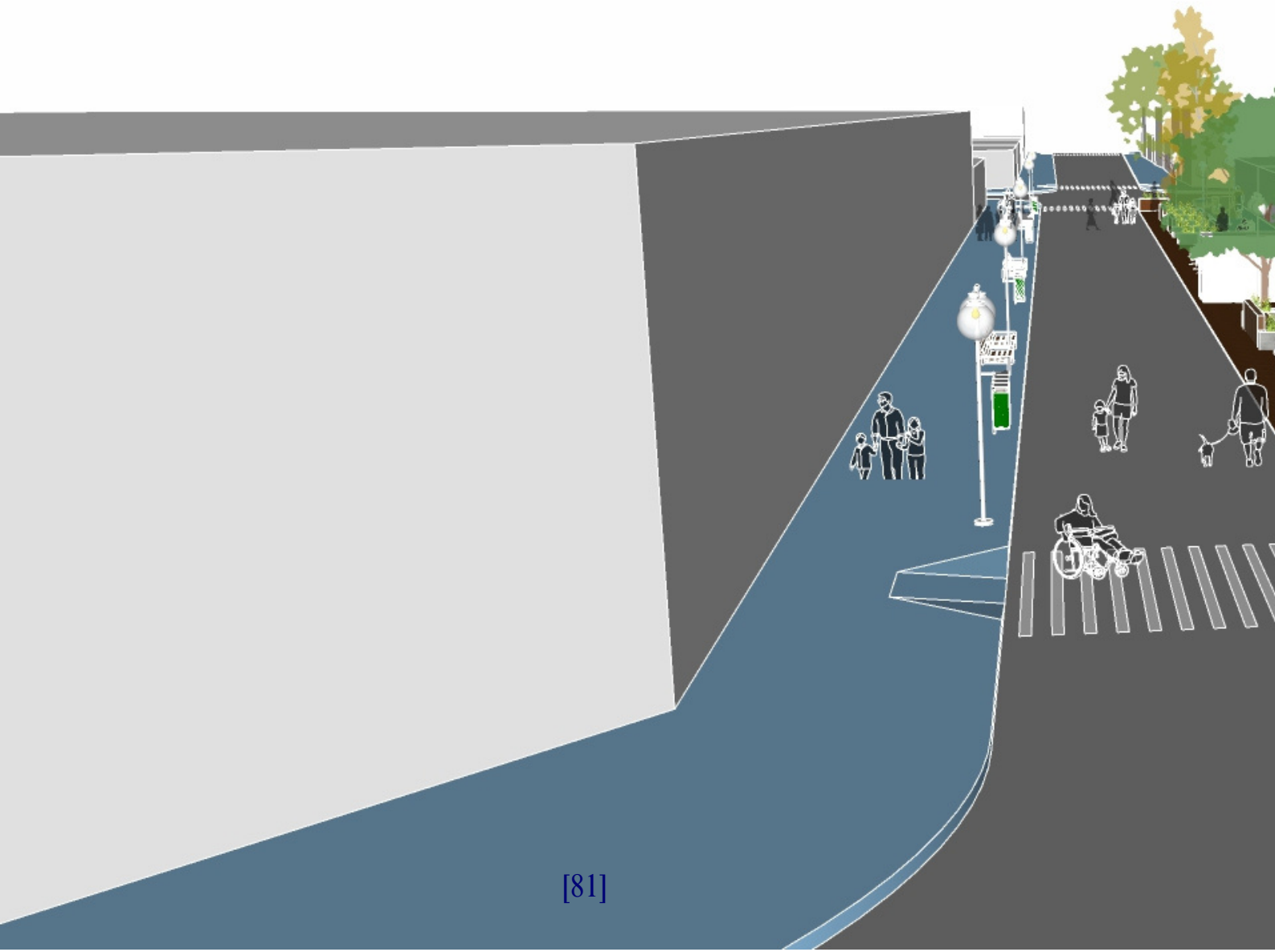
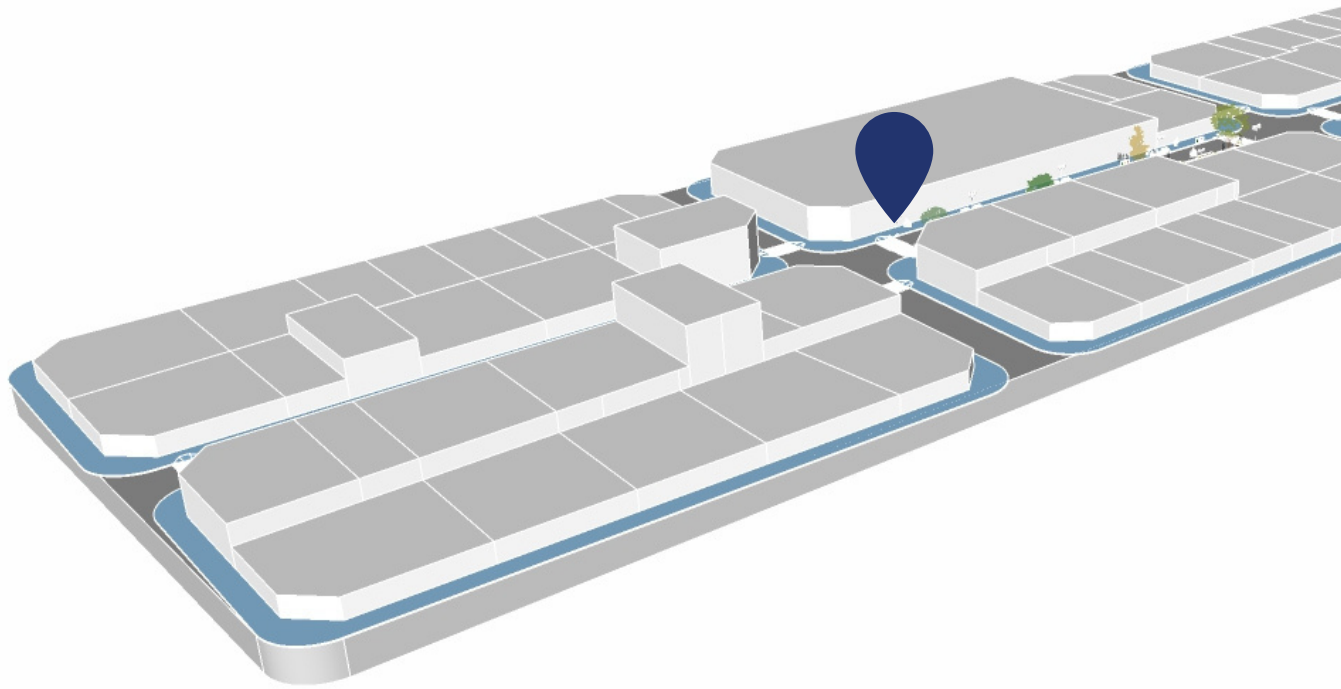
Planta 03. Intervenção na Avenida São Paulo

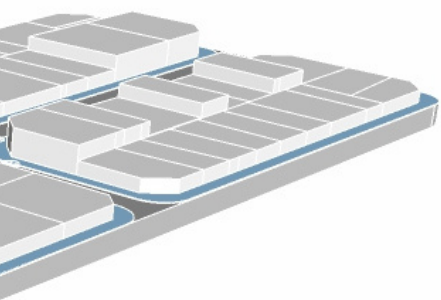


Corte 05. Avenida São Paulo atualmente

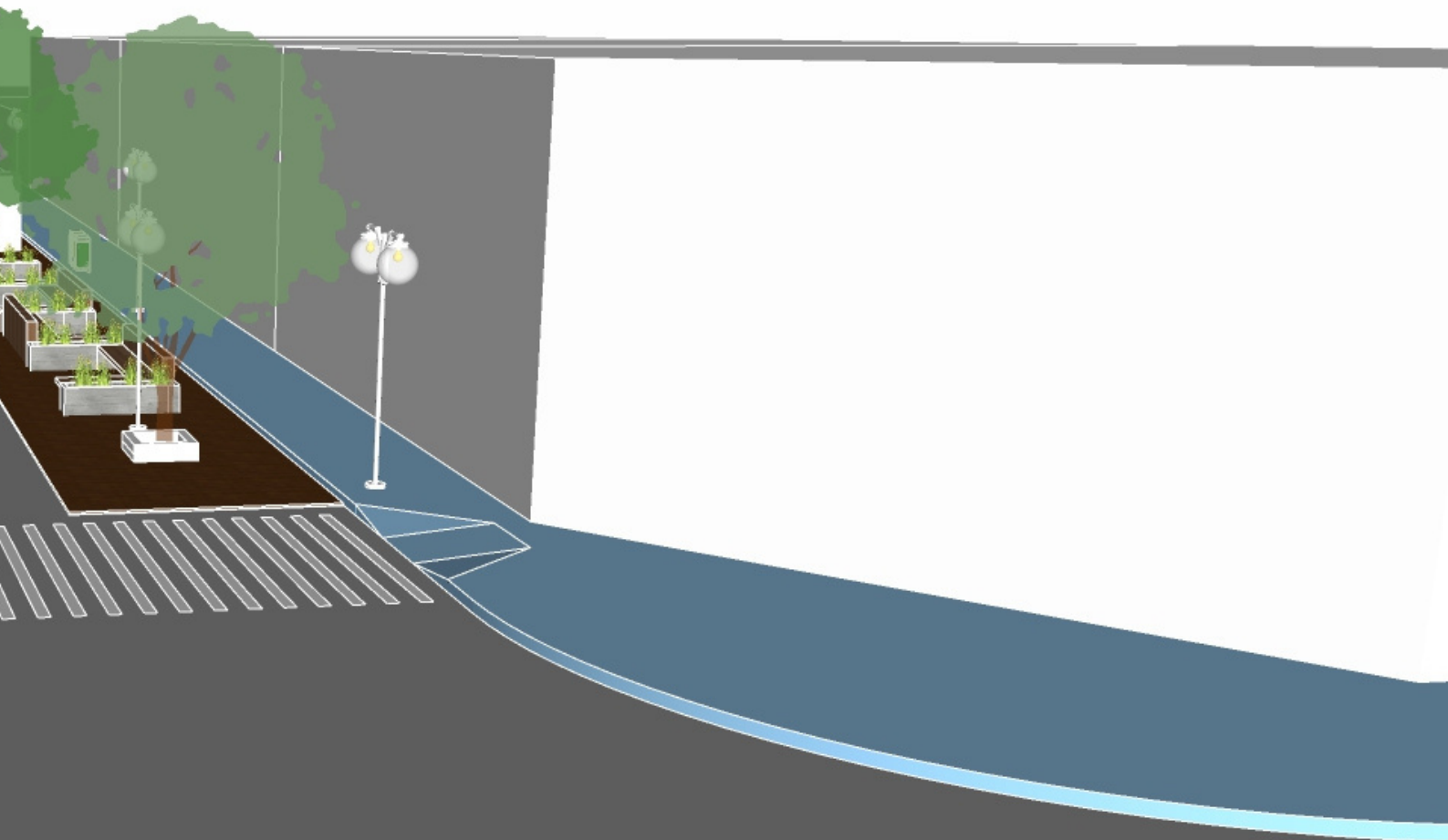


Corte 06. Proposta





Localização da proposta





socializar



fazer c

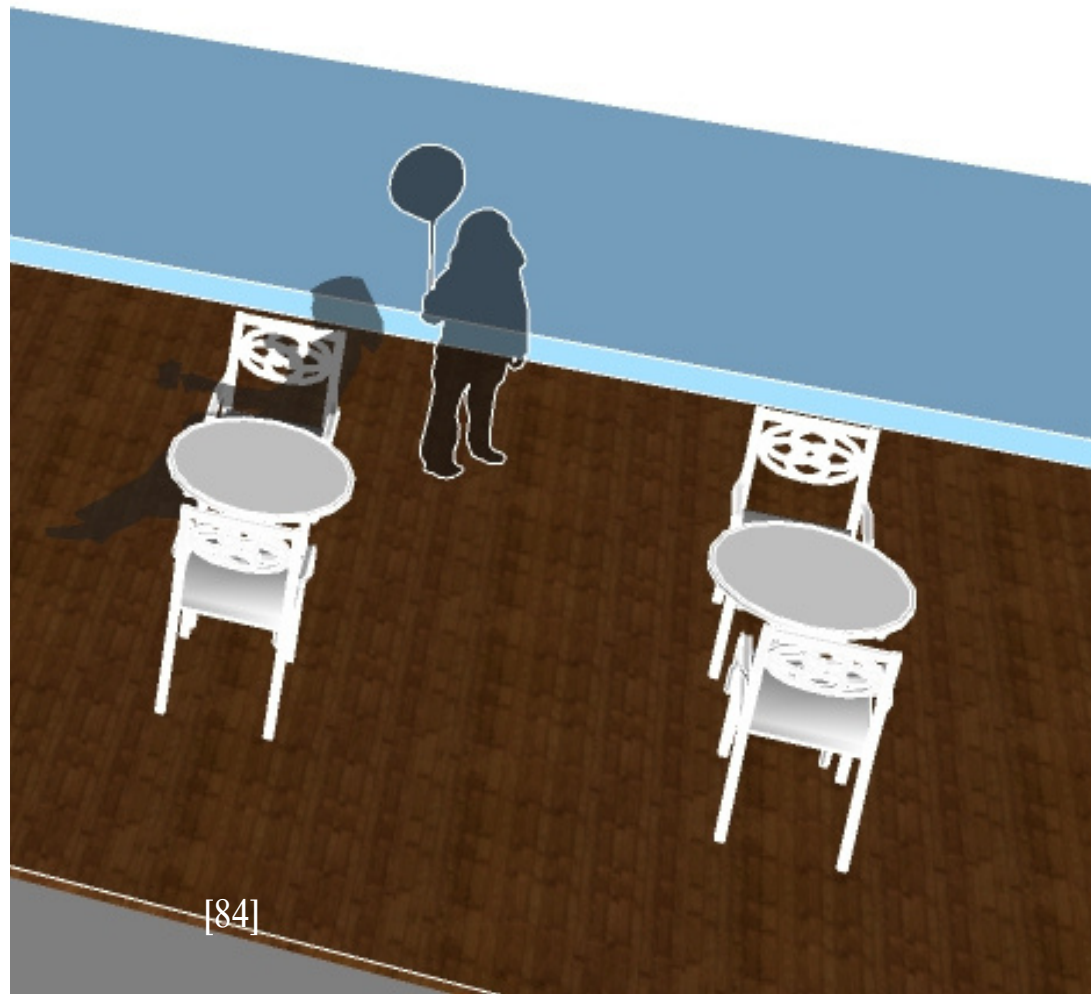
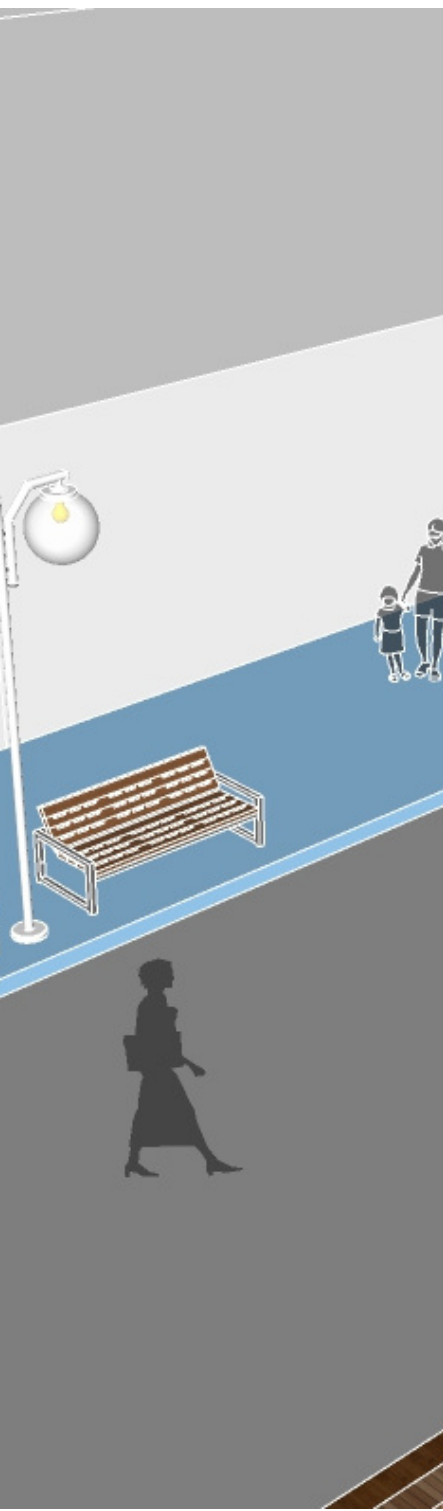




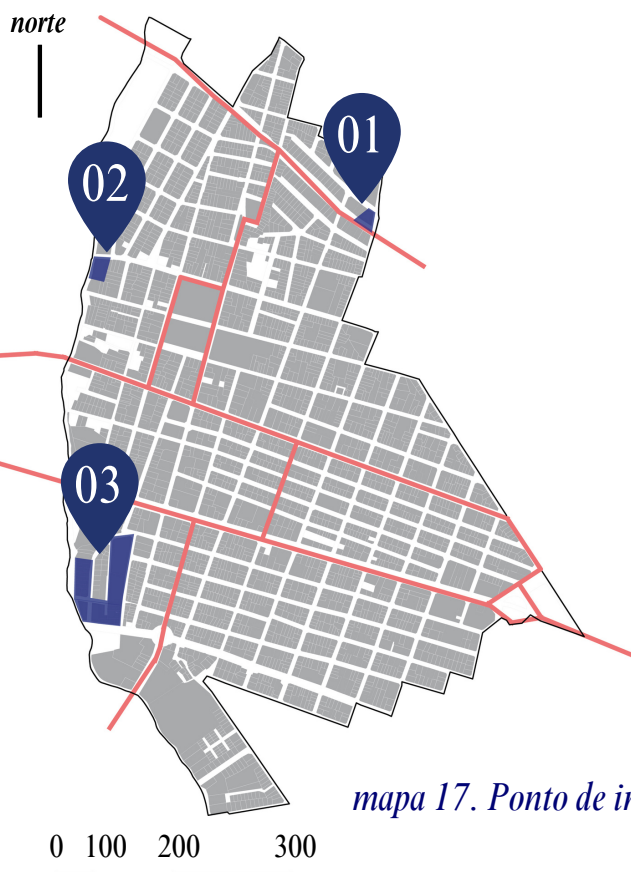
compras



comer



Cooperativa de reciclagem



mapa 17. Ponto de interesse para cooperativa de reciclagem

Na localidade de Campinas existe um número consideravelmente alto de lotes que são destinados a descarte de materiais e resíduos sólidos. Também foi identificado que em determinados lotes oferece o serviço de reciclagem, entretanto, a apresentação destes não é bem elaborada e gera conflito sobre qual é exatamente o seu uso. Deste modo, serão dispostas cooperativas de reciclagem e regularização dos serviços já existentes, o que contribuirá com questões ambientais necessárias e possibilitará impacto social através de geração de renda.

A cooperativa de reciclagem desempenha um papel fundamental na gestão adequada dos resíduos sólidos e na promoção da sustentabilidade ambiental. Ela é composta por catadores de materiais recicláveis que trabalham de forma organizada e cooperativa, coletando, separando e vendendo os materiais recicláveis.

A cooperativa irá atuar na geração de emprego e renda, oferecendo oportunidades de trabalho para os catadores, muitos dos quais são pessoas em situação de vulnerabilidade social. Também atuará na redução do impacto ambiental, evitando o descarte dos resíduos no meio ambiente.

Sobretudo, a proposta tem como intuito a conscientização e educação ambiental da população, trabalhando na mudança de hábitos e comportamentos em relação ao consumo e descarte de resíduos.



01

Fig. 55. Área 01 - Avenida Sergipe
Fonte: Google Earth



02

Fig. 56. Área 02 - Avenida Marginal Norte
Fonte: Google Earth



03

Fig. 56. Área 03 - Rua Dois de Fevereiro
Fonte: Google Earth

Referências

VARGAS, Heliana C. & CASTINHO, Ana Luis H. Intervenções em Centros Urbanos: objetivos Estratégias e Resultados. São Pauo: Manole. 2006.

SENNETT, R. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. São Paulo: Record, 1997

HARVEY, D. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014

LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001

Camilla Ghisleni. "O que é planejamento urbano?" 19 Mai 2022. ArchDaily Brasil. Acessado 19 Mar 2023. <<https://www.archdaily.com.br/br/982184/o-que-e-planejamento-urbano>> ISSN 0719-8906

SEPLAM. Radiografia socioeconômica de Goiânia 2002. Goiânia: Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura de Goiânia, 2002.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Edusp, 2014.

MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MELO, Ivo de. Do cofre da vida: Campinas dos anos 40. Goiânia: Kelps, 1998.

MELLO, Márcia Metran. Moderno e modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia (1933 a 1950/1950 a 1964). Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

Goiânia: cidade de pedras e de palavras. Goiânia: Ed. UFG, 2006. MERCADO DE CAMPINAS. História sobre o Mercado de Campinas. Disponível em: <http://www.mercadodecampinas.com.br/site/>. Acesso em: 17 abr. 2017. MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. Como nasceu Goiânia. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1980

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

CAMPOS, Itaney Francisco. Notícias históricas do Setor Campinas. Goiânia: Prefeitura Municipal, Assessoria Especial de Cultural, 1985.